ANO VI — NS. 68, 69 E 70 — ABRIL, MAIO E JUNHO DE 1932

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA
INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
BRASIL
Estado de Minas Gerais

SUMARIO

A biblioteca minima do professor primario (Redação). — Primeiras cousas na educação, *W. Kilpatrick* (Tradução). — Arquivo Pedagogico Escolar. — Comentario sobre relatorios referentes á homogenização das classes escolares, *Maria Luiza de Almeida Cunha* (assistente técnica). — O metodo global no ensino da leitura e da escrita (Tradução). — O ensino rural no Mexico. — Ortografia, *Filocelina C. Mattos Almeida*. — A musica no ensino publico, *professora Branca de Carvalho Vasconcellos*. — A obra nacional da infancia na Belgica, *M. Angles*. — A carta norte-americana dos direitos das crianças. — Excursão e sua relação com a educação fisica, *Renato Eloy de Andrade, Zembla S. de Sá, Guiomar M. Backer*. — O grilo, *J. H. Fabre* (Tradução). — Plano de lições no curso primario, *Maria Iiza Fróes e outras*. — O que se tem feito no grupo escolar "Thomaz Brandão" (Relatorio) *professora Odette Cathoud*. — Noticiario.

BELO-HORIZONTE — ESTADO DE MINAS-GERAIS

ANO VI – N. 68, 69 E 70 ABRIL, MAIO E JUNHO DE 1932

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 210
Data 20-10-77
BIBLIOTECA

REVISTA DO ENSINO

ORGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
BRASIL
Estado de Minas Gerais

A BIBLIOTECA MINIMA DO PROFESSOR PRIMARIO

A necessidade de dotar todos os estabelecimento de ensino primario do Estado com uma razoavel biblioteca do professor é uma iniciativa que não póde por mais tempo ser adiada. E' certo que grande parte deles já a possue. Mas isto não é bastante. A biblioteca do professor é o seu principal instrumento de trabalho, e na escola nova, em que a todo instante surgem problemas de grande interesse para o professor, imprescindivel é que este esteja em condições de apreender-lhes o alcance no conjunto da escola, no seu espirito e na sua tecnica, que se renovam.

E' de ver-se em um grupo escolar o interesse despertado em torno das bibliotecas escolares. Cada classe cuida ativamente de organizar sua pequena biblioteca, e estas se multiplicam nos estabelecimentos, por entre o entusiasmo das crianças, que providenciam ativamente para enriquecê-la, e melhorá-la.

As crianças em muitos estabelecimentos confecionam material e até o mobiliario para biblioteca. O tesoureiro, os encarregados da biblioteca estão seriamente convencidos de sua responsabilidade. E o professor, como o espirito invisivel de tudo isso, está rialmente encantado com o club formado em sua classe, certo de que é a verdadeira escola que se forma debaixo de seus olhos e cujos frutos mais abundantes não verá colher alí

mesmo, porque esta é principalmente a escola de depois da escola. Ela é principalmente o bom habito que se crêa e se desenvolve alegremente alí para acompanhar o individuo pela vida, enriquecendo-se e desdobrando-se no processo que continúa e de que a escola foi o centro feliz de formação.

Ganha a escola com isso, não só na sua economia educacional presente, servindo á pequena comunidade átual, desenvolvendo-lhe e fertilizando-lhe os recursos presentes de experiencia, de iniciativa, de enriquecimento, mas tambem, e principalmente, na sua economia futura. A riqueza do habito adquirido será enexhaurivel no processo do crescimento educacional, que se prolonga pela vida, depois da escola.

Entretanto, si perguntamos pela biblioteca do professor, nem sempre encontramos o mesmo *élan*, o mesmo entusiasmo, as mesmas promessas de riqueza ilimitada

Elas ás vezes nem existem. E isto é um grande mal. O professor é o órgão de um imenso processo cultural com que em nossos dias conta a civilização, que se renova em suas experiencias e em sua técnica. E' necessario que esse órgão se enriqueça em possibilidades, em eficiencia.

O coeficiente natural e a pratica profissional não bastam em si. E' preciso o aparelhamento técnico. Aliás, as verdadeiras vocações, em meio do átual movimento pedagogico, não se contêm e nem se satisfazem com estes elementos pessoais. São arastadas invencivelmente a aperfeiçoar-se e a aumentar o seu cabedal de conhecimento.

Necessario é, pois, que encontrem todos na biblioteca do professor a comunidade espiritual e os elementos de técnica com que elaborem, em uma coperação constante e saudavel, a verdadeira escola.

Para isso, é imprescindivel que todos os estabelecimentos de ensino possuam a sua biblioteca. Nos grupos escolares, o concurso de todos os professores poderá proporcionar a cada um deles o que isoladamente seria inaccessivel a um só.

O professor de escola isolada não poderia, sem sacrificio, conseguir isso. Mas poderá fazer alguma coisa, fazendo menos. E nada impede que êle, quando professor de escolas urbanas ou situadas a pequena distancia dos grupos escolares, se associe á biblioteca dos colegas do grupo e participe dela. E os mais afastados dos grupos poderão fazer muito para si e para a sua escola, creando progressivamente a propria biblioteca. Com o fim de lembrar e esclarecer os professores na realização desse desideratum, damos a seguir uma relação de livros valiosos que seriam de toda a vantagem e deveriam constituir a biblioteca minima do professor primario:

Dewey—Vida e educação.

» —Teorias sobre a educação.

» —O habito e o impulso na conduta.

Kerschensteiner—A alma do educador.

« —A escola do trabalho.

Kilpatrick—Educação para uma civilização em mudança.

Angelo Patri—Vers l'école de demain.

Dufestel—La croissance.

Binet—Les idées modernes chez les enfants.

Claparède—La psychologie de l'enfant.

» —Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers.

Claparède—L'éducation fonctionnelle

Alberto Pimentel—Pedologia.

Bomfim—Psycologia.

Iago Pimentel—Psychologia.

Foerster—L'école et le caractère.

Robin—L'enfant sans defauts.

Binet et Simon—Les enfants anormaux.

Descœudres—Education des enfants anormaux.

Balmer—Les classes dites faibles.

Bowen—La science du caractère.

Ferrière—A escola ativa e a lei biogenetica.
» —Transformemos a escola.
» —L'autonomie des écoliers.
» —La pratique de l'école active.
» —La liberté de l'enfant á l'école active.
Mallar y Cutó—A escola activa.
Seyffert—Praticas escolares.
Toledo—Didactica.
» —Escola Brasileira.

Faria de Vasconcellos—Pedologia e Pedagogia experimental.

O mesmo—Une école nouvelle en Belgique.
Sampaio Doria—Educação moral e educação economica.
Durkheim—Educação e Sociologia.
Proença—Como se ensina geographia.
Lourenço Filho—Introdução ao estudo da escola nova.
Delgado de Carvalho Methodologia da geographia.
Anderson—La lecture silencieuse.

Dottrens et Margairaz—L'apprentissage de la lecture par la metode global.

Wellis—Un programa escolar en proyectos.
Sainz—El metodo de proyectos.
Piaget—Le langage et la pensée chez l'enfant.
« —Le jugement et le raisonnement chez l'enfant.

PRIMEIRAS COUSAS NA EDUCAÇÃO

O titulo, tal como aparece anunciado, aspira a incluir na educação aqueles fatores ou elementos que figuram estrategicamente em primeiro logar, de tal sorte que as demais cousas tenham que segui-las em ordem de formação.

Ao fazer esta apresentação, encontro-me em uma situação embaraçosa Em educação, como em tudo mais, a maioria ouviu falar mais de novos e melhores meios de obter cousas já desejadas do que ser dirigido a novos objetos de apetencia. Eu nado, pois, contra a corrente de vosso pensamento desde o principio: Depois eu vos convido a reexaminar cousas a que prestais agora obediencia pedagogica, e muitos, eu o sei, preferindo a velha tradição, não ouviram as minhas palavras, ou ouvindo-as, não lhes deram apreço.

Um resumo do que vou dizer tornará mais facil seguir o argumento. Minha tese é, em resumo, a seguinte:

1°.) Nosso tempo exige terminantemente da educação uma perspectiva social.

2°. Por conseguinte, é mister mais inteligencia do que nunca nos assuntos de interesse publico.

3°.) A inteligencia assim exigida é, apesar das idéas correntes, um assunto mais de aquisição e instrução do que de capacidade original nativa, e a principal função conciente da educação é ajudar a desenvolver tal inteligencia apropriada efectiva.

4°.) Em geral, podemos esperar o desenvolvimento de tal inteligencia efetiva pelo aprendiz, só quando a mesma inteligencia existe e atua no mestre e não está simplesmente limitada ao administrador ou ao experimentado.

5º. As escolas têm que contemplar sua obra a uma nova luz; o programa e os metodos hão de ser reorganizados e ampliados de acordo com as considerações anteriores.

Nossa situação, estudada detidamente, é muito seria.

Para começar pelo mais evidente, achamo-nos economicamente em máu caminho. A meu ver, não obstante, os piores caracteres da situação economica não estão na superficie. E' muito provavel que saiamos, não levará muito tempo, da presente depressão, e muitos pensarão, uma vez mais, que tudo está bem. Uma imagem fiel da situação atual é a atitude da mãe a respeito da febre de seu filho. Um periodo de elevada temperatura, seguido de uma subita remitencia, sem outros máus sintomas, podem fazer olvidar aquele; mas a nova febre que se apresenta logo faz que não possa deixar de atendê-la

A criança pode parecer bem agora, mas a febre recurrente revela alguma perturbação profunda, que deve ser descoberta e eliminada. No caso vertente, para aumentar a nossa ansiedade, as febres parecem tornar-se mais intensas, e a causa perturbadora parece aumentar.

A situação economica é a chave de nossas dificuldades presentes. Nosso fracasso em coordenar a produção e a distribuição é critica.

Ouve-se falar agora de planos sociais, e muitos estão estudando o plano quinquenal russo. Parece evidente que devemos submeter a um plano inteligente nossa economia anarquica.

Mas que plano defenderemos? Que plano teremos de aplicar?

O primeiro, que parece evidentemente claro, é que devemos *pensar*, e isso como não se fez até agora.

Sem uma profunda reconstrução de idéas e de instituições as cousas irão cada vez pior. As velhas sanções sociais, morais e religiosas perdem cada vez mais a sua força. As possi-

bilidades egoisticas em nosso sistema educam o nosso povo em uma indiferença egoistica com relação ao bem comum.

Nossas escolas não passam de mesquinhos negocios.

Seu ensinamento moral é absolutamente impotente.

O povo é conquistado facilmente por uma propaganda demagogica, e o porvir é mais desconhecido que nunca.

Que faremos, pois? Qual é a nossa esperança?

Eu só conheço um caminho. Temos de aplicar, mais que nunca, um raciocinio fundamental e critico á nossa ordem economica e social.

Devemos descobrir os pontos fracos.

Temos de achar novos processos. Como nunca até ao presente, temos que pensar.

Não nos deixemos seduzir com alternativas eletivas de Mussolini ou de Lenine. O pensamento é nossa melhor esperança. Não ha outro recurso final. A força, sinão obedece a um pensamento dispensavel, não é mais que perigo e tirania. Não podemos confiar nela. E continuar como estamos redunda em pensar mal.

Mas alguns temem que se difunda o pensamento entre o publico. Esperam manejá-lo melhor sem aquele.

Em seus corações desconfiam do homem e do pensamento. Mas, na minha opinião, não é o pensamento o que devemos temer, sinão a ausencia dele, isto é, que o povo aja sem êle. Ou que pense depressa e mal e seja dirigido demagogicamente e, por sua vez, proceda mal.

Nossa unica solução é um pensar melhor e mais difundido...

Si este tipo de pensamento ou de qualquer cousa digna deste nome ha de ser levado á escola ou á educação dos adultos, nossos mestres hão de ser mestres reflexivos, capazes do pensar sobre esses problemas e desejósos de ajudar a trazer dias melhores para o mundo. Observai que eu não proponho organizar um sistema que seja propagado por nossas escolas. Ao contrario, trato de crear uma geração mais bem

disposta do que nós outros para encontrar por si mesma um sistema adequado. Eu não creio que as escolas possam ou devam construir um sistema e ensiná-lo autoritariamente a meninos desamparados. Nossos homens de escola não estão equipados para inventar um sistema e, embora o estivessem, não deveriam fazê-lo. Minha idéa de educação é muito diferente. Creio que o papel da escola é ajudar os alunos a serem mais inteligentes do que o seriam de outra maneira, auxiliando-os no encarar os problemas que se lhes apresentem.

Como a nossa gente miuda se faz maior e chega a encarar mais plenamente os problemas da vida, nossa missão é ajudá-la, com um processo continuo, a aprender a arrostar problemas e situações atuais para enfrentar melhor as situações problematicas, e por isto entendo fazer a cousa devida, do melhor modo por que possam vê-la.

E nossa missão é ajudar os nossos alunos em cada gráu sucessivo segundo as necessidades desse gráu. Nosso objetivo é que êles aprendam a pensar e a agir adequadamente. O que pensamos não é necessariamente o adequado, mas, sim, aquilo que uma visão nova, inteligente e imparcial mostre como adequado.

Nós outros propomos alcançar que cada vez pensem mais por si mesmos, embora seja em oposição ao que seus pais e mestres têm pensado até agora. Pois sua responsabilidade é sua. Hão de aprender a enfrentar os problemas do seu tempo e da sua geração.

Para que nossos alunos possam pensar assim, havemos de ter mestres que possam ensiná-los a pensar, e isto significa que, como mestres, hão de ter oportunidade e incentivo tambem para pensar.

Em particular devemos combater aqui a idéa — demasiado frequente — de que os diretores tecnicos possam e devam fazer integralmente um sistema e considerem os outros como doceis e obedientes servidores. A gente que assim executa o pensamento dos demais não pode ensinar os jovens a pen-

sar. O pensamento não pode ser imposto com ordens e manejado por essa forma. Esta é a condenação permanente de uma certa teoria de educação «cientifica» que se aliou com um sistema qualquer, psicologicamente falso e democraticamente vicioso, de administração escolar. Tal ciencia e tal administração se oferecem como aliados e avançadas contra uma ação inteligente em relação ao bem publico. Por sua vez se aliam com os interesses egoisticos consagrados que se propõem dominar as escolas e a maioria do povo em beneficio de uns poucos privilegiados.

Mas alg em pode dizer que dos mestres não se lhes pode exigir este pensar, que muitos são bastante jovens, inexperiente e irreflexivos. Esta situação pode ser verdadeira, e não podemos ignorar os fatos. Mas não podemos sentir-nos contentes com o atual estado de cousas. Podemos trabalhar *pro* e não *contra* uma melhoria desse estado. As escolas normais devem deixar de ser escolas de «adestramento», de *training* (um termo horroroso—adestramos cães, mas «educamos» pessôas inteligentes). Nossas escolas normais e colegios universitarios têm que pensar seriamente em formar mestres reflexivos. Tais como se acham as cousas, aventuro-me a dizer que a maioria dessas escolas não fazem seriamente tal esforço. Muitos diretores do ensino preferem o mestre docil e assim adestrado, pois assim é mais facilmente dominado. Em tudo isto só posso repetir o que se disse antes. Por muito longe que possamos estar do fim, não teremos feito o que devemos até que tenhamos selecionado e educado o mestre como o medico. Por minha parte, considero a educação mais importante do que a medicina. Pelo menos devemos caminhar distanciados quanto possivel na devida direção.

E a administração escolar deve considerar que sua missão principal é pedagogica e não administrativa, que a administração e todo o restante mecanismo educativo não são sinão meios para aprender e ensinar melhor, e que, no que concerne á educação escolar, a obra principal se realiza em

contacto com o aluno—mestre, sobre o qual deve concentrar-se a inteligencia mais ativa de que possamos dispôr.

Si o mestre é inteligente podemos esperar que os alunos logrem sê-lo tambem.

E assim chegamos ao trabalho das escolas. Eu desejaria poder bosquejar um programa escolar especifico, mas o assunto é por demais complicado. Nós outros aspiramos a um novo e melher tipo de trabalho e de vida.

As escolas de hoje terão uma função diferente e se organizarão, portanto, de modo distinto. Os que vivemos agora temos que trabalhar para mudar em cousas melhores o que existe atualmente. Em quanto não podemos projetar com certeza um plano para o futuro, devemos ter alguma idéa do trabalho a realizar.

Tal como vejo este, os dias vindouros pensarão mais na vida — vida como algo digno de ser vivido e de ser melhorado—do que era o ganhar dinheiro, como hoje acontece.

Os programas economicos hão de ser organizados á luz de todas as consequencias da vida, que nos afetem a todos nós. O pensamento em particip ção deve chegar a ser a norma, as decisões hão de fazer-se o mais em comum possivel por todos os afetados por elas. Isto é democracia essencial e ha de estender-se a todos os aspectos da vida. Os negocios não se farão simples ou primariamente por seus beneficios, mas para a vida. A beleza da instalação de uma fabrica, por exemplo, será considerada em relação com as vidas das pessoas que nela trabalham. Qualquer divisão do trabalho será considerada em relação com a felicidade dos que nêla participam, pois a felicidade no e pelo trabalho é uma parte tão integrante da boa vida como o é o produto elaborado pelo trabalho. Em suma, a felicidade vem pelo trabalho, que é, em seu processo educativo, a largueza de vista, o desenvolvimento da inteligencia, o senso da responsabilidade e de solidariedade contribuindo para o bem-estar de todos aquêles a quem afeta.

Nós outros prevêmos um dia em que o trabalho e as profissões caminharão mais juntos, em que todo trabalho se achará organizado e considerado em tal relação com a vida que trabalhar será uma empresa coletiva de vida e de melhoramento desta.

Nesse dia, trabalhar será pensar e desenvolver-se.

Quando nos aproximarmos desse estado de cousas, começaremos a vêr que as crianças devem começar a participar no pensamento e a se fazer responsaveis relacionadas com essas empresas. O que ocorreu antes e se perdeu voltará de novo: as crianças participarão com seus pais nas atividades importantes da vida.

Quanto maior for a criança, mais eficaz e responsavel será a sua participação. Deste modo a vida voltará a ser educativa em um gráu e maneira agora negados por nós outros. As escolas deixarão de estar isoladas da vida, provavelmente cessarão de estar fechadas e auto-limitadas e intraduzir se-ão cada vez mais nas atividades da comunidade.

A mudança de atitude será enorme. A iniciativa e a atividade intencionada e interessante, que temos buscado em vão nas presentes condições escolares, surgirão quasi automaticamente.

Para que não pareça que estou sonhando, permiti-me dizer que tenho visto tal cousa na Russia e, em gráu menor, na China. Não adotaremos, espero, o plano russo; mas as escolas russas que tenho visto tinham um objetivo e um entusiasmo social que eu desejaria para nós. A vida escolar estava unida á vida economica e social intencionada, de tal sorte que lhe davam um novo espirito e interesse.

As crianças e os maiores estavam radiantes de entusiasmo e anhelo pela causa.

Que havemos de fazer nós outros?

Segundo o meu modo de vêr, trabalhar conforme duas diretrizes conexas. Devemos unir a escola o mais intimamente possivel com a vida ambiente. A seu tempo, devem ser utilizados os motivos sociais, pensar nas relações sociais e dirigir o

mais possivel o esforço individual e de grupo a causas importantes para a atual vida extraescolar.

Não quero dizer que tenhamos de impôr tarefas sociais utilitarias; de modo algum: devemos fazer aquilo que surja das proprias exigencias das criança. A' medida que conseguirmos isto, serviremos aos melhores fins da educação nova.

A segunda diretriz é procurar que nossos alunos trabalhem e pensem nos aspectos da vida social, de sorte que possam aumentar a sua amplitude de espirito, seu senso critico, sua inteligencia e interesse sociais. Si isto se começa logo e prosegue com crescente seriedade e madureza, podemos esperar que, em um prazo razoavel, se produza uma geração capaz e disposta a enfrentar a nossa situação social com claros olhos, firmes corações e mentes inteligentes.

Não alcançaremos exito em nenhuma dessas diretrizes si, de uma parte, não estivermos mais dispostos do que agora a tratar os problemas e situações em controversia, e, de outra, si não virmos que nossa preocupação atual pelas exigencias dos programas de estudo é futil e anti-educativa. E não nutro ilusões a respeito da oposição que encontraremos

Meu tema dizia «primeiras cousas». Alguem pensará que esqueci o plural. O programa social não o é todo. O que constitue a boa vida e a disposição a conseguir em todos é o segundo. E a produção de personalidades integrais e caracteres individuais energicos é o terceiro, mas essas tres cousas não estão separadas. Para cuidar amplamente de uma delas ha que atender tambem ás outras.

No atual estado de cousas, creio que minha insistencia em um programa social para a educação é o de que agora mais necessitamos. As aguas estão agitadas neste momento. O povo pensa como nunca o fez. E o tempo assim o exige. Escolhi esta ocasião para assinalar o que constitue para mim a principal necessidade da educação contemporanea.

WILLIAM KILPATRICK
Professora na Columbia University (N. Y.)

ARQUIVO PEDOLOGICO ESCOLAR

Ficha-envelope individual para as crianças das Escolas Primarias

(PROJETO EM EXECUÇÃO)

Quanto melhor conhecer o professor seus alunos, melhor os educará; quanto mais fôr a infancia conhecida em suas diferentes idades, maior será a eficacia da ciencia e da arte pedagogica; quanto melhor estabelecer as condições bio-psico-sociais dos escolares, quanto melhor poderão ser acompanhados — e mais seguros serão os dados necessarios aos legisladores do ensino publico para reformá-lo e melhorá-lo.

Foi procurando um meio comodo de reunir para as crianças dos grupos escolares o maior numero possivel de documentos que o Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento elaborou a *Ficha-Envelope individual*, que permite recolher para um mesmo aluno as informações tomadas durante toda sua permanencia na Escola primaria.

O conjunto dessas fichas individuais para as crianças de um mesmo grupo, ou para os alunos de todos os grupos de um municipio ou de Belo-Horizonte, depois de organizadas, registradas e guardadas, constituirão o *Arquivo Pedologico escolar* de tal grupo, de tal municipio ou da capital de Minas.

A ficha-envelope pode ser util e prestar serviço em numerosos casos, dentre os quais, os seguintes, por exemplo: ela facilita as informações acerca de um caso particular de criança, justificando sua classificação em um dos tipos das classes por ocasião

de se transferir de grupo, ou ainda de uma sala para outra, do mesmo grupo; contribui para ajustar melhor a ação pedagogica, nos casos em que o progresso escolar da criança não fôr suficiente, sendo então necessario conhecer melhor seu desenvolvimento anterior e as particularidades da conduta. Sua utilidade póde ser muito apreciavel nos casos de orientação profissional, no momento em que a criança, terminando o curso primario, tem diante de si muitas carreiras a escolher. Um conselho escolar especial poderá perfeitamente ajudar as crianças, e, á vista de suas fichas, orientá-las para esta ou aquela carreira, mais de acordo com seu desenvolvimento intelectual, suas tendencias e aptidões, registrados durante varios anos.

As fichas individuais preenchidas e colecionadas com metodo por pessoa competente poderão constituir uma fonte preciosa de documentação pedologica e fornecerá o material necessario a uma infinidade de problemas de ordem psicologica, social e pedagogica (alguns exemplos: relação entre a idade mental ou o quociente intelectual e a aptidão para aprender a lêr, contar, etc.; a idade das crianças, mais proxima para o ensino da leitura; a psicologia dos meninos e das meninas e os problemas da co-educação; a tipologia dos escolares, e a seleção de meios educativos para cada tipo de crianças anormais, crianças bem dotadas etc. etc.)

Serão ainda igualmente uteis essas fichas para permitir que se acompanhe durante um tempo mais ou menos longo o efeito deste ou daquele método pedagogico ou processo didatico, a organização das classes, a influencia de alguma particularidade de um grupo; o trabalho de tal ou tal professora, cujos alunos puderam ser acompanhados durante varios anos e dar o conhecimento mais exato da influencia que exerce esse mestre, principalente si o numero das crianças por êle educado tenha sido já suficientemente grande, etc., etc.

DESCRIÇÃO DA FICHA-ENVELOPE

Como esta ficha deve servir para muitos fins e não deve estragar-se por um longo e frequente uso, é feita de papel de embrulho bem grosso e de côr beige.

FICHA — ENVELOPE PEDOLOGICA ESCOLAR.

Nome ..... *M. F.*

Data do Nascimento ..... *Certificado* ..... *Lugar do Nascimento* .....

Nome do Pai ..... *Nacionalidade* ..... *Profissão* .....

	193....	193....	193....	193....	193....
Grupo Escolar.....					
Ano.....					
Tipo da Classe.....					
Professora.....					
Frequencia 1) sem. 2) sem...					
Notas promoç. aproveit.....	Aritm.... Ling. Pat....	Aritm.... Ling. Pat....	Aritm.... Ling. Pat....	Aritm.... Ling. Pat ...	Aritm.... Ling. Pat....
Notas promoç. procedim....					
Observações.....					

N. B. — Qualquer transferencia do aluno para outra classe, mudança de professora, transferencia para outro Grupo deve sempre ser indicada

193....				19				193....				193....				193....			
Data	TEST	Pontos	Perc. ou Q. I.	Data	TEST	Pontos	Perc ou Q. I.	Data	TEST	Pontos	Perc. ou Q. I.	Data	TEST	Pontos	Perc ou Q. I	Data	TEST	Pontos	Perc. ou Q. I.

Observações

N. B. — Indicar todos os documentos que se acham dentro do envelope

Medindo 25 cm. de comprimento e 19 de largura, tem em cima uma abertura, assemelhando-se por esse modo a um saco de papel grande e resistente.

Em um dos lados do envelope acham-se impressos, no sentido do comprimento, as informações necessarias sobre as crianças: nome, sobrenome, sexo, data do nascimento, certificado sobre a data, e, em seguida, informações sobre os pais das crianças: (nome, naturalidade, profissão).

O resto da folha reserva-se á escolaridade da criança, desde sua entrada para a escola primaria, e mesmo antes, si a criança frequentou o Jardim da Infancia. Notar-se-ão o grupo que a criança frequenta, o ano escolar (I, II, III, IV) o tipo da classe, (A. B. C. D. E.) ou então qualquer designação admitida em um grupo e comunicada á Secretaria da Educação e que corresponde á classe forte (A), á classe média (B), á fraca (C), á classe dos retardados (D) e para as crianças indisciplinadas e de carater dificil (E).

Ter-se-á ainda o cuidado de anotar o nome da professora da classe, a frequencia do aluno durante o 1.° e o 2.° semestre, enfim, as notas de promoção referentes á Aritmetica e á Lingua Patria assim como as notas de comportamento.

Afim de facilitar as informações sobre a marcha das crianças através da escola e acompanhar o progresso escolar de um ano para outro, esta parte do envelope acha-se dividida em diversas colunas, correspondendo cada uma ao ano que a criança passou na escola. Si durante um mesmo ano, se deram mudanças (transferencias para uma outra classe, para um outro grupo, ou troca de professoras na mesma classe) essas alterações em seguida serão indicadas por baixo da coluna que se segue ás anotações de ano, classe e professora, para cada ano em questão.

Todas essas mudanças devem ser justificadas na coluna das "Observações" (por exemplo: mudança de turnos; insucesso na classe; mudança de residencia, etc.)

O verso do envelope está reservado aos resultados dos tests aos quais as crianças foram submetidas durante o tempo em que estiveram na escola: tests de inteligencia, de aptidão, tests escolares. Este lado acha-se igualmente dividido em colunas correspondentes aos anos sucessivos, o que permite verificar rapidamente em que data foi aplicado o test; (basta indicar o mês por algarismos romano), o nome do test e seu resultado. (numero de pontos) e a avaliação dos resultados em idade mental, quociente intelectual ou percentil.

A observação feita durante a aplicação de test e que póde ajudar a interpretar os resultados do mesmo, deve ser indicada por baixo da coluna.

N. B. — Nenhuma indicação de carater confidencial pode ser escrita *sobre* o envelope, mas, si tal indicação existe, deve ser lançada em folha á parte, que se guardará dentro do envelope.

CONTEÚDO DO ENVELOPE

No interior do envelope serão reunidos e guardados documentos relativos á criança, por exemplo: copia do certificado do nascimento, folhas do test aplicado, provas anuais e semestrais, provas de escritas, desenhos, as composições interessantes, como tambem as observações recolhidas sobre a conduta e o carater da criança.

Essa documentação será tanto mais ampla quanto mais a personalidade da criança a reclame em busca dos meios educativos eficientes. Assim, serão mais volumosos os envelopes pertencentes ás crianças anormais, retardadas, com anomalias de toda especie, como tambem os das crianças particularmente bem dotadas, pois naturalmente essas crianças devem ser melhor estudadas; por outro lado, as crianças normais e mediocres terão menos volumosos seus envelopes, com alguns documentos e informações rapidas, quer dizer aquelas que puderem ser tomadas para a grande maioria das crianças.

PESSOAS QUE SE RESPONSABILIZAM PELO PREENCHIMENTO DAS FICHAS

Estando estabelecido que o agrupamento das crianças em classes homogeneas e a aplicação dos testes façam parte das atribuições das professoras técnicas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento, é natural que a responsabilidade de anotar, registrar e conservar as fichas, tambem estejam compreendidas nas obrigações de tais professoras.

Aliás, a utilidade imediata dessas fichas-envelopes consiste precisamente em facilitar o melhor conhecimento dos alunos. Ora, a bôa classificação não se póde fazer fóra da consulta dos resultados dos tests psicologicos e escolares e das observações sobre a conduta dos alunos.

Assim, tudo indica que o trabalho de observação, experimentação e o arquivo de documentos de tais generos estejam reunidos entre as mãos das mesmas pessoas.

E não é sinão para os grupos onde tais professoras técnicas não existem, que a responsabilidade do fichario pedologico (si fôr creado antes por alguma professora técnica) será atribuida ao diretor do grupo escolar, sob a sua imediata observação dos assistentes técnicos.

Seria para se desejar que cada aluno tivesse sua ficha nos grupos onde trabalha uma professora diplomada pela Escola de Aperfeiçoamento.

Ela será iniciada para cada criança, desde os primeiros dias de sua entrada á escola. Assim, se começará, pois, por encher as fichas das crianças novatas; depois, as das do 1.º ano repetente; em seguida, do 2.º ano; depois, as outras, voltando-se um especial cuidado para as crianças das classes que estão sob a orientação direta das professoras técnicas.

REGISTO DAS FICHAS

As fichas serão registadas em um livro especial, cada uma com seu numero, o qual será notado sobre o lado de fóra,

na frente. Serão guardadas em uma caixa-fichario especial, e dispostas segundo a ordem dos numeros registados.

Para se obter a ficha de tal ou tal criança, deverão seus nomes e os respectivos numeros ser inscritos em um caderno alfabetico. Encontrando-se aí o numero correspondente a uma criança em questão, será facil achar sua ficha, procurando-a no lugar determinado do fichario.

Por motivo de transferencia de uma criança de um grupo para outro sua ficha a acompanhará ao novo estabelecimento, *não devendo, porém, ser a ficha entregue ás proprias mãos das crianças.*

A professora técnica do segundo grupo, recebendo a recem-chegada, mandará procurar a ficha-envelope no grupo de onde foi transferida. Essa nova ficha será incorporada ao fichario do grupo, com a indicação de transferencia que se acaba de fazer.

ARQUIVOS PEDOLOGICOS DE BELO-HORIZONTE

Afim de dar largo uso ás fichas individuais, nos diferentes estudos de ordem pedologica e escolar, o Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento teve igualmente a iniciativa de incorporá-las ao seu "Museu da Criança", tirando para isso uma copia de cada ficha, para as crianças dos grupos escolares de Belo-Horizonte.

Mais tarde, quando lhe permitirem os meios, encarregar-se-á tambem de arquivar copias das fichas de todas as crianças das classes especiais e das classes dos bem-dotados do Interior, afim de que possa ter um campo de ação ainda mais amplo, que lhe permita estudos sobre as crianças em questão, tomadas em todo o Estado de Minas (nos logares onde trabalham professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento).

Para facilitar essa copia, as professoras técnicas dos grupos de Belo Horizonte mandam ao Laboratorio as fichas-envelopes á medida que as vão enchendo, e aí são élas copiadas e entregues ás professoras técnicas, nas reuniões periodicas que se fazem na Escola, ou são remetidas diretamente aos grupos.

Para que a ficha arquivada no Laboratorio continue a ser a copia exata do original existente no grupo, é necessario indicar todas as mudanças, como os resultados dos tests aos quais vão sendo submetidas as crianças cujas fichas se acham arquivadas no Laboratorio.

Estarão sob a imediata observação do Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento e de um de seus auxiliares especialmente designados para essa função.

ULTIMAS INSTRUÇÕES

Queremos dizer, e especialmente frizar, que a ficha-envelope de que se trata presentemente nestas linhas, não é melhor que tantas outras fichas excelentes que foram confeccionadas e aconselhadas para o uso das Escolas.

Uma cousa é certa, sem duvida, — que toda ficha, cuja função se limita a ser preenchida e guardada em bonitos fichários, e nunca utilizada, nada mais é que tempo e material gastos inutilmente, e, nessas condições, a melhor ficha do mundo póde não passar da cousa mais inutil e pedante que se possa imaginar.

Não queremos, pois, terminar estas notas, sem dizer que a nova ficha apresentada não deve ser posta em execução sem que se esteja convencido de sua necessidade como meio de conhecer melhor a criança e, portanto, de encontrar os caminhos para melhor educá-la.

Essa nova ficha deve, pois, ser utilizada o mais frequentemente que fôr possivel, e o fichario, ganhando vida, si assim posso exprimir, deve ser considerado pelo professor como seu auxiliar no trabalho pedagogico.

Quanto ao beneficio que prestará á pedologia-escolar, esperamos que o Laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamente possa mostrá-lo pelos estudos que empreenderá e procurará levar a bom exito, graças a essa documentação cuidadosamente arquivada sobre a criança mineira.

COMENTARIO GERAL SOBRE OS RELATORIOS REFERENTES Á HOMOGENIZAÇÃO DAS CLASSES ESCOLARES

POR MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA
Assistente Tecnica

Chegaram até 1.º de Junho de 1932 ao laboratorio de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento 27 relatorios de varios pontos do Estado, e 5 da Capital, referentes á aplicação dos «tests» para homogenização das classes em nossos Grupos escolares.

Como é natural, a compreensão, a identificação com a técnica de aplicação e finalidade do test não foram uniformes nem espontaneas nos varios meios em que trabalharam as nossas colaboradoras.

Mas, feliz a idéa que desperta celeuma !

Proficuo, mesmo quando de momento se afigure arido ao pesquisador, o trabalho que excite de qualquer maneira o ambiente.

E' sinal de que aciona energias bem vivas.

Cumpre, portanto, captá-las, ordená-las, canalizá-las e conduzi-las todas para o nosso objetivo, que é melhorar o rendimento do ensino.

Precisamos para isso investigar os motivos impedientes do exito, para afastá-los tanto quanto possivel.

Os obices encontrados este ano para tornar efetiva a realização das classes homogeneas podem ser condicionados em 5 grupos conforme a causa de que se originam:

I Do meio em que está situada a escola	1	Obtenção do Certificado do Regist. civil	9 casos
	2	Interferencia da familia	7 »
	3	Residencia dos alunos	1 »
I Da nossa atual organização escolar	4	Funcionamento em turnos	10 »
	5	Efetivo das classes fixado pelo Regulamento do Ensino	2 »
	6	Falta de dados de escolaridade	1 »
	7	Transferencia durante o ano	1 »
	8	Admissão diaria de analfabetos	1 »
III De faltas materiais	9	Insuficiencia de acomodação	8 »
	10	Insuficiencia de pessoal docente	6 »
IV Da atitude da Diretoria do Grupo	11	Oposição á realização do trabalho	4 »
V Da atitude do professorado — A) Em face das inovações propostas	12	Hostil	1 caso
	13	Sem entusiasmo	2 »
	14	Má vontade	2 »
	15	Recusa em reger classes de retardados	1 »
	16	Incompreensão dos responsaveis diretos pelas classes	1 »
B) Decorrente da sua formação pedagogica	17	Falta de habitos de leitura	3 casos
	18	Habito de discussão não fundamentada	2 »
C) Incompetencia no trabalho com crianças retardadas	19	Falta de preparo especializado	

Conquanto a execução do Decreto 10.133 tenha melhorado sensivelmente a percentagem de crédibilidade da idade cronologica fornecida pelos responsaveis, ainda não foi satisfatoria «in totum».

A nossa população, principalmente a sertaneja, está ainda alheiada á necessidade de documentação oficial sobre a identidade dos filhos; ha localidades ainda não providas de cartorios; nos meios pobres é dificil pagar mesmo uma pequena taxa para obtenção do registo e do certificado.

Nessas aperturas, algumas de nossas colaboradoras se afundaram nos arquivos das matrizes, procurando certidões de batismo.

Ainda aí foi parco o resultado. Nem sempre existem tais arquivos, dispersas as peças originais. De outras vezes, não poucas, existem os arquivos, mas nenhum vestigio dos documentos procurados.

A este proposito releva notar que não será ingloria a contribuição que tais pesquisas trazem para a melhoria desta documentação. Aproveitando ela desde já ao problema da escolaridade infantil, trabalhamos tambem, de modo indireto, para a estatistica nacional em todos os seus multiplos aspetos.

Muito de proposito limitamos o relatorio de nossas pesquisas á objetividade mais completa que nos foi possivel. De inicio, tivemos a preocupação de afastar o fator pessoal.

Caiba-nos, pois, a responsabilidade de um simples ampliador de radio: colhemos o que pensa cada um dos multiplos operarios desta grande colmeia do ensino. Compusemos com todas essas opiniões um comentario, onde só é nosso o arranjo das peças, não propriamente a feitura delas.

Para que não se nos argúa a pecha de realizar um trabalho de mera especulação, vamos tentar uma exposição sobre o remedio habil para remover cada um dos obices enxergados e individualizados pelos aplicadores do «test» Prime».

I — Dificuldades oriundas do ambiente escolar.

1—Obtenção do Registro Civil — Já indicámos quanto o trabalho em pról deste problema é de carater nacional, justificador de todos os esforços que teremos de expender. O caminho está traçado. E' longo. Certamente a meta será alcançada: prossigamos.

2—Interferencia da familia. O estabelecimento regular dos Circulos de Pais e dos auditorios, em geral o movimento de Socialização, removerá em breve prazo este obstaculo, decrescente á medida que apareça o exito da escola nova.

3—Residencia dos alunos—Removivel com a difusão progressiva dos estabelecimentos de ensino. Na capital e nas cidades urge que se efetive a exigencia de ser preferido o grupo do perimetro ou secção urbana de residencia.

E' dos obstaculos menos complexos.

II—Da organização escolar.

4—Funcionamento em turnos é obstaculo a vencer-se com a proporção exata entre o numero de grupos e a população escolar. Este problema é permanente, pois que a população cresce sempre.

Resta que o numero de estabelecimentos cresça em proporção. Em ocasiões de crise, como a presente, será retardada a solução. Certo, porém, já se vai realizando.

5—Efetivo das classes—é ainda função do progresso descompassado de certas regiões. Antes um indice animador da propaganda da Escola. Urge que o esforço da Inspetoria de Instrução acuda com a creação de cadeiras, provimento de vagas e outras tantas providencias, de que aliás não se tem descurado. E' impossivel eliminar «ex-abrupto» este obstaculo da pauta de dificuldades a vencer. No entanto, o proprio Regulamento já o encara, sinal de que está remediado.

6—Falta de dados de escolaridade—A realização de um fichario a cargo das orientadoras de cada estabelecimento obviou a este obstaculo, cujo desaparecimento depende apenas da divulgação de medidas já adotadas.

As fichas não serão confiadas ao aluno que sai, mas, ao invés, reclamadas pela orientadora do estabelecimento onde entra o aluno ao fichario da orientadora de onde ele veiu.

7—Transferencias durante o ano—Rialmente o ideal é que se abolissem. A instabilidade de certos serventuarios, pais de alunos, impede este radicalismo. Foi indicado um remedio para que se atenue o mal: que a transferencia seja sempre motivada, não se atendendo a pedidos não fundamentados ou mal fundamentados.

8—Admissão diaria de analfabetos, corrigida pela resolução adotada de admissões semestrais apenas.

III—De faltas materiais.

9—Insuficiencia de acomodações. Certamente é dificil encarar desde já este problema. Quem comparar o que era o ensino em Minas antes de João Pinheiro com o que se fez de então para cá, não admite pessimismo.

10—Insuficiencia de pessoal é obstaculo que não comporta receios. Com a multiplicação assombrosa das Escolas Normais ainda a presente geração escolar verá desaparecer este mal.

IV—Da atitude dos diretores de grupos.

11—Oposição á realização do trabalho — A bôa disciplina bastará para remover este ponto. Precisamos, no entanto, lembrar-nos do que tem sido para a causa do ensino o diretor de grupo. Lembramos acima um olhar retrospetivo ao que foi o ensino antes da Instituição dos Grupos. O Grupo vale pelo diretor; são, pois, colaboradores a conquistar para a nossa causa. Inteligentes, dedicados, operosos, observadores, em sua maioria, não tardarão em compreender, através dos frutos, o que vai de progresso nos novos metodos.

Falamos em conquistá-los... Não raro esta expressão já se empregará em tempo preterito. A ultima reforma parcial do Ensino Primario contém excelentes disposições a este respeito, e o numero de reacionarios é rapidamente decrescente. Bom sinal mesmo é que só 4 referencias haja a isto.

V—Da atitude das professoras.

12—Em face das inovações proposta — Aqui plenamente e sem embaraço ocorre a apêlo á diciplina. Nada menos de 5 aspectos revestiu nas impressões pessoais o modo de agir:

13—hostilidade—vencivel pela maneirosidade da orientadora, pelo comentario adequado das inovações, pela comparação de resultados obtidos.

14—Má vontade—não raro será oriunda de comodismo ou de pouco amor ao trabalho; cabem facilmente os recursos regulamentares de estimulação e os pequenos premios conferidos a proposito.

15—Sem entusiasmo— a não se tratar de cansaço fisico ou inteletual—, restam a apatia por temperamento ou a descrença do exito. Certamente um obstaculo raro, a não ser reflexo do ambiente, oportunidade para que já indicamos corretivo.

16—Recusa em reger classes de retardados —facilimo de remover-se, uma vez salientado o merecimento duplo e as excepcionais qualidades que exigem as professoras de anormais.

A eleição da professora de anormais poderá fazer-se com o carater de seleção, como premio ou promoção, que de fato é: expoente maximo das qualidades que se exigem de uma bôa professora.

17—Incompreensão dos diretores responsaveis pelas classes —simples questão de se esclarecer melhor o assunto aos olhos dos interessados.

B) Atitudes decorrentes da sua formação pedagogica.

18—falta de habitos de leitura.

19—habito de discussão não fundamentada.

20—falta de preparo:

Obstaculos sérios, mas que se apagarão do quadro pela progressiva adoção das medidas seletivas do professorado primario.

C) não especialização para reger classes.

Aí está a Escola de Aperfeiçoamento que proverà tal respeito da Pedagogia antiga.

Constrange-nos quasi aludir aos remedios cabiveis ao ultimo capitulo.

Aqui é mistér apelarmos para as celulas componentes do grande aparelho do ensino, que são as professoras.

A visão cinematografica da guerra moderna, a visita suspicaz e minuciosa a uma moderna fabrica de grande industria, a observação das coletividades de animais—o cupim, o formigueiro, a colmeia: tudo salienta e produz um só argumento—a disciplina! a hierarquia! — a ordem!

Si cada um de nós que colaboramos na grande obra do ensino ha de conservar sua opinião, que conquista se ha de esperar desse trabalho desconexo ?

Acaso um soldado que atira por cima de uma trincheira sabe onde vai a bala, sabe porque ha de parar ou prosseguir? Será possivel dizer a cada combatente *porque* deve avançar ou recuar ?

Vejamos uma fabrica de automoveis. Ha operarios cuja função é atarrachar uma porca ao respectivo parafuso. Ao cabo de uma hora realizaram duzentas vezes esse movimento. Em um dia foram 1.600 porcas atarrachadas. Para que?—Não teria sido mais agradavel para esses operarios e mais satisfatorio para seu amor proprio que se tivessem ocupado de um trabalho importante de acabamento ou da feitura de uma peça essencial ? Poderiam, então, ao ver passar um carro de sua fabrica, contemplar, vaidosos, o brilho ofuscante de uma niquelagem perfeita, ouvir deliciados o som penetrante de um klaxon ou o bater cadenciado de cilindros perfeitamente calibrados.

Leiamos e meditemos a lição da natureza. Detenhamo-nos na consideração da grande e interessante obra de Fabre—«Souvenirs enthomologiques»—contemplemos, pacientes, um formigueiro em atividade; sigamos os movimentos de um cupim, de uma colmeia. Observemos a exatidão meticulosa da divisão do trabalho.

Não se preocupa o obreiro de que apareça o seu esforço pessoal: orgulha-se do que pode o coletivo, do qual êle é parte.

Em beneficio do todo ocupa-se cada parte do esforço que lhe compete e o realiza com amor, com dedicação,tal como se dele dependesse diretamente o exito do todo.

Cumpre assim se porte o professorado mineiro. Ha deveres de alicerce, de base. Não aparecem no conjunto, mas deles é que depende a estabilidade do edificio. Qual o futuro de uma construção em que o embasamento ficasse a descoberto para que se lhe admirassem as juntas de tomada das pedras ou o entalhe destas ?

Certamente ao primeiro vendaval estaria por terra. No entanto, quem se preocupa com o nome do pedreiro que ajustou as bases, ou do cavouqueiro que preparou as valas ? São obreiros abnegados, de cuja dedicação tudo depende. Realizem mal o seu trabalho, furtado á fiscalização da critica pela sua propria posição, e tudo rolará.

No grande monumento do Ensino o trabalho do professorado primario é o do calceteiro que fura as valas para assentamento das pedras angulares; é a do cavouqueiro que procura a resistencia do subsolo; é a do pedreiro que ajusta e junta as pedras das fundações.

Bem realizado, não será por isso glorificada a obra da professora que cumpre o seu dever. Mal acabado, comprometerá irremediavelmente todo o conjunto.

E' de abnegação, de patriotismo, de noção do proprio dever, de perfeição moral, o trabalho da professora.

O cabotinismo, o individualismo hão de estar banidos do professorado.

Trabalhemos. Trabalhemos com amor. Cada um a pensar em bem concluir o que lhe compete.

Não inutilizemos a nossa personalidade moral no trabalho inglorio de sabotar um conjunto harmonioso pela preocupação insana de sermos vistos.

Ponhamos a grandeza da Patria, a Ordem, o Dever acima da competição pessoal.

O METODO GLOBAL NO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

(Por A. Hamaîde)

São bem conhecidos os rumorosos trabalhos do dr. Decroly sobre o principio da globalização. Nossas experiencias na «Ecole de l'Ermitage» durante os ultimos quatro anos confirmaram as suas teorias.

E' possivel ensinar a lêr ás crianças pelos metodos com que uma mãe ensina o seu filho a falar. E podemos atestar que, segundo esse metodo natural, conseguimos tornar a criança capaz de aprender a lêr sem passar por nenhuma aprendizagem sistematica e sem necessidade de haver aprendido as letras ou as silabas. O tempo em que a criança aprende a lêr varia segundo as suas aptidões naturais; da mesma forma que o tempo com que aprende a falar.

A importancia da descoberta do dr. Decroly é manifesta. Graças ao seu metodo, não dividimos as palavras em sons sem sentido; abolimos o estudo dos sons destituidos de sentido e toda a sistematização baseada no *a b c*. Seguimos o caminho natural do que aprende e do que ensina. A leitura chegou a ser assim o que devia ser: primeiro, um exercicicio de expressão— um entre muitos outros—e, em pouco tempo, um meio de adquirir novo conhecimento,

Graças a este metodo, o espirito da criança segue sua tendencia natural, e sua espontaneidade não fica encadeada. Seu campo de observação amplia-se, e como seus limites não estão determinados, todas as suas capacidades podem desenvol-

ver-se livre e harmoniosamente. Não é este o fim de todos os metodos de ensino ?

O metodo do dr. Decroly passa de concreto ao abstrato, naturalmente. A' criança se deparam, primeiro, objetos; depois, frases; por ultimo, palavras, e ela acaba por ordenar os elementos abstratos. Para este fim, seguimos singelamente os metodos usados pela mãe quando ensina seus filhos a falar. Que faz ela ? Acerca-se do menino com letras ou palavras monosilabicas ? Ou com frases e idéas ?

E não ensina a criança, pouco a pouco, a exprimir-se por si mesma?

Por que não se havia de seguir esse mesmo metodo no ensino da leitura ? Por que não buscar a guia na evolução linguistica da criança ? Esta não compreende a palavra falada antes de poder empregá-la ela propria ?

Não compreende ordens, como «venha cá, levanto-me, dou-lhe a mão», antes que possa responder: «vou, levanto-me, dou-lhe a mão ?». E si compreende estas ordens por meio do ouvido, porque não ha de comprehendê-las por meio da vista ? Os olhos a ajudariam a compreender ainda mais rapidamente do que os ouvidos. Só hão de repetir-se as cousas com a frequencia suficiente para que a imagem visual se fixe tão firmemente como a auditiva. Podemos afirmar que as frases escritas que traduzem a idéa constituem o aspéto mais concreto de uma idéa expressa verbalmente.

Si, por outra parte, considerarmos a linguagem e a escrita, vemos que nem uma nem outra começaram pela letra, mas pelo som, tendo o simbolo escrito o valor de uma frase.

Si observamos detidamente a criança, vemos que a frase precede á palavra e que, geralmente, a palavra usada pela criança tem para ela a significação de uma frase completa e, muitas vezes, de varias frases. Por exemplo, uma criança que diz «papai» quer dizer «o papai está ali», o «papai vem cá», «papai, pegue-me».

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

E que diremos do processo ulterior de analise e de generalização? Estes virão por si mesmos, a seu tempo. Assim, se trata só da questão de prover a criança de frases que representem um *resumo* do que ela observou. Ela pode até prover o proprio material. Este a interessa e lhe agrada ler; lê diariamente, e assim adquire novas palavras diariamente.

O interesse e o brinquedo deviam ser os fatores principais neste processo, e nós outros vemos constantemente crianças que conseguem ler corretamente sem conhecer as letras ou as silabas. O resultado é inteiramente individual. Não existe aqui, a bem dizer, um metodo, mas uma evolução natural.

Póde ser de interesse uma breve exposição de como procedemos, desde o principio, com uma criança de 6 anos.

Depois de ter observado o assunto escolhido como «centro de interesse»,—frutas, por exemplo—a criança resume suas observações verbalmente. Essas observações são postas em frases curtas, a principio, em forma ordenada.

Cada criança tem seu material individual, bem como o caderno em que se agrupam as frases logo que são adquiridas. Estas frases curtas são sempre ilustradas pelas crianças. Jogam com elas e as repetem diariamente numa fórma nova e divertida. Cada dia se escreve uma nova frase, resumo sempre de alguma observação. Essas frases se tornam cada vez mais longas.

A criança reconhece espontaneamente as palavras que já leu em historias precedentes.

Nenhuma palavra se isola do seu contexto. e nunca se dirige a atenção da criança para as partes componentes de uma palavra.

As crianças reconhecem facilmente as palavras que já viram e são capazes de lêr novas frases quando estas lhes são apresentadas. Depois de certo tempo, pode realizar-se o exercicio seguinte: convidam-se as crianças a reconstruir com as palavras contidas numa historia outra historia que deve conter, naturalmente, o mesmo «centro de interesse». Ou, então, se cancelam cer-

tas palavras e convida-se a criança a supri-las escrevendo-as corretamente.

Depois de alguns mêses se introduzem os caracteres impressos. A transição não exige instruções especiais. As crianças reconhecem prontamente a imagem visual das novas palavras impressas.

E nesse momento as crianças ditam pequenas historias que os maiores escrevem para elas. Desde o principio cumpre procurar que as crianças reproduzam de memoria as frases que lhes são apresentadas. Nós lhes apresentamos uma frase durante alguns poucos segundos e as convidamos a reproduzir a imagem que dela retiraram. A principio não fazemos muito caso dos erros. Paramos o exercicio antes do primeiro ensaio. Depois, pouco a pouco, insistimos em que seja mais correto. Si a frase não foi escrita corretamente, mostramo-la outra vez, e os meninos voltam a escrevê-la.

Detemo-nos sempre após a terceira tentativa.

Outro plano, que teve muito exito, é o seguinte: entre as frases dadas ás crianças figuram estas: «Querida senhorinha X», «querida Mamãe», «estas são as cousas que eu sei escrever» — «Afetos de...» Estas frases habilitam o menino a escrever pouco a pouco cartas, desde o principio. Em rialidade, êle escreve uma cada dia e a deixa na caixa do correio da escola. «Querida senhorinha X, estas são as cousas que sei escrever»... e segue todo o seu repertorio. Este trabalho o diverte e interessa muito, e a ficha da escola fica cheia todos os días. Isto constitue um excelente exercicio para o menino e fomenta muito a repetição.

Assim mesmo em um primeiro estadio, geralmente até á sexta semana, incitamos o menino a escrever o que deseja, e desde o principio lhe permitimos usar qualquer livro de leitura, frases ou noticias que possa ter á mão.

Redigem pequenas historias, e fazemo-los escrever no quadro negro as palavras que não tenham podido encontrar em outra parte. Para lhes facilitar o trabalho, agrupamos todas as palavras que eles conhecem, segundo o sentido delas,

e organizamos assim uma especie de dicionario onde o menino póde encontrar facilmente o caminho. Assim, desde o principio, mostramos ao menino o verdadeiro metodo do trabalho.

Para nos assegurarmos de que compreende o que lê, apresentamos-lhe com frases desconhecidas que contêm palavras muito conhecidas, e a criança faz um resumo do que leu. Isto constitue um metodo interessante de controle e da oportunidade para o trabalho individual.

Este procedimento continúa até que a criança saiba lêr. Os resultados são frequentemente rapidos, si bem que algumas vezes lentos. Isso depende da criança em cada caso. Mas podemos afirmar que, após um ano de exercicios semelhantes, todas as crianças lêem corretamente e com intelligencia.

E que acontece com a escrita ?

Assim como a criança, tendo ouvido uma linguagem falada, se esforça por traduzir seu pensamento verbalmente, cada vez com maior precisão—da mesma forma, depois de ter visto e compreendido, fará uso dessa linguagem o mais depressa possivel, umas vezes pelo desenho e outras pela escrita, dependendo o seu exito da perfeição do metodo global. Desde o primeiro dia a criança copiará a primeira frase que lê, sem conhecer as suas letras. Copia o contorno da frase e muito depressa chega a escrevê-la perfeitamente.

Como continúa o estudo de varios «centros de interesse», o vocabulario subministrado á criança é escrito num caderno que chega a ser um dicionario. A criança chega a escrever correntemente sem ter que aprender a escrever as suas letras e sem ter perdido largas horas na acquisição dessa tecnica.

Vemos assim que o metodo global é uma simplificação no processo de aprender a lêr e escrever. Por este metodo a criança adquire as necessarias associações entre a imagem verbal da palavra e os elementos foneticos de que esta se compõe, sem aprender as suas letras. E si se deseja aplicar o metodo dos «centros de interesse», este é o unico meio de fazê-lo.

Tão depressa como a criança sabe lêr encontra em sua classe uma biblioteca que póde manusear durante a hora de leitura. Continúa lendo por si mesma e tem frequentes oportunidades para lêr quando busca material para seu trabalho pessoal e para preparar suas lições.

O ENSINO RURAL NO MEXICO

Comunica-nos a Diretoria ds Informações do Ministerio da Educação:

"O ilustre chefe da direção de Missões Culturais do Mexico, dr. J. C. Nagera, organizou um interessante codigo para os professores rurais, cujas disposições bem merecem ampla divulgação em nossos meios demagogicos.

Dedicamos, pois, o presente comunicado á vulgarização do aludido trabalho, servindo-nos para isso do texto publicado pela excelente revista «Educacion» (numero de janeiro e fevereiro deste ano), do Ministerio da Educação e Saude Publica da Republica do Equador.

Eis os auto-incitamentos do Decalogo:

I—Entre todas as profissões, a minha é a mais importante, porque tem por fim enobrecer a vida.

II—Devo elevar minhas condições espirituais e profissionais com a leitura de bons livros e com a pratica das idéas que por meio deles consigo fixar, para assim me tornar digno da alta missão que o Governo e a Sociedade me confiaram.

III—A saude é o interesse primario dos meus educandos e a ela subordino todos os meus planos de trabalho. Quero contribuir para formar uma coletividade **vigorosa** e sã, mediante os exercicios fisicos e os habitos de higiene na alimentação, na habitação, no vestuario e no asseio pessoal.

IV—Guia-me o ideal de modelar uma patria livre, sem miseria, e rica sem escravidão; e por ele procuro que os recursos do nosso solo sejam conhecidos, estimados e aproveitados.

V—Devo desterrar a tristeza ancestral da minha raça, promovendo o cultivo das suas manifestações artisticas e fazendo

vibrar em minha escola notas de sã e perduravel alegria, com o emprego dos jogos recreativos, como um dos mais valiosos recursos da educação.

VI—Minha escola é a verdadeira casa do povo, que exerce benefica influencia não só entre os alunos, senão tambem entre os habitantes em geral, melhorando-lhes o sistema de vida.

VII—A pluralidade de linguas dentro de um país contribue para estancar o desenvolvimento espiritual e economico, e por isso empreendo uma campanha pro-lingua nacional.

VIII—E' antes um carcere das crianças a escola que carece de campos para jogos e para praticas agricolas. Aqueles contribuem para a saude, e estes, ademais disso, estreitam vinculos necessarios entre o homem e a terra, cujos beneficios recebemos, e tendem a aperfeiçoar os metodos de produção.

IX—Estudo e aproveito na industria o **produto da localidade**, por considerar que isto constitue uma das mais solidas bases de nossa economia. Além disso, introduzo na comunidade novas fontes de riqueza, como a avicultura, a apicultura etc.

X—A cooperação é a maneira mais humana para atrair e distribuir a riqueza, e por isso tenho criado e dirigido sociedades cooperativas de produção e de consumo. Assim marchamos para a **solidariedade humana**, desideratum da educação».

Esses preceitos, como se vê, encerram um nobre "ato de proposito", que bem fora estivesse no espirito e no coração de todo o nosso magisterio rural. Nesse sentido, aliás, já caminhamos muito mais do que se supõe, pois muitas, talvez varios milhares de escolas brasileiras, já estão impregnadas dos belos pensamentos focalizados pelo educador mexicano, bem ao modo, por exemplo, da nossa muito conhecida «Escola de Merity».

ORTOGRAFIA

FILOCELINA C. MATOS ALMEIDA

Assistente tecnica do ensino

Havendo já tratado do ensino da leitura no 1°. ano e feito ligeiras referencias ao da escrita (caligrafia), falaremos sobre a ortografia que se acha intimamente ligada áquelas duas atividades. O ensino da ortografia, que deve acompanhar o da leitura e o da escrita, exige, como qualquer outro, a adaptação do aluno ao ambiente escolar que, por isso mesmo, precisa ser rico, estar de acordo com o desenvolvimento e com as necessidades da classe e ter aspecto bem sugestivo de modo a provocar reações uteis e frequentes.

Como a inteligencia, a idade, a lingua, o meio social, as diferenças individuais etc. exercem grande influencia no aprendizado da ortografia, deve o professor conhecer psicologicamente a criança, o meio em que vive etc., afim de tirar partido de todos os fatores hereditarios, fisicos, psiquicos e mesologicos.

Para conseguir tais objetivos deverá o professor aproximar-se dos alunos, conversar amistosamente com eles, sobre assuntos interessantes e de suas experiencias, de sorte que lhes provoque boas reações, através das quais possa ele chegar ao fim desejado.

No convivio com os alunos ficará o professor ciente tambem de seu vocabulario, do qual poderá formar uma lista basi-

ca para o ensino da ortografia. Si varios professores do mesmo ano e do mesmo meio, após essas observações, se reunirem para a organização da referida lista de palavras, conseguirão, por certo, otimos resultados, porque ficará esta mais completa, unificando-se o ensino, cujo contrôle será mais facil, visto serem comuns as condições mesologicas. Dessarte, a lista basica será organizada de acordo com o desenvolvimento das crianças de cada meio social, podendo aumentar-se á medida que os alunos adquirirem novos conhecimentos, pois uma experiencia nova requer novo termo.

Para o desenvolvimento da lista basica deve-se considerar:

a) O *regionalismo*, isto é, os termos usados em certas localidades;

b) Os *acidentes e fenomenos* locais;

c) Os grandes *acontecimentos sociais;*

d) As invenções e descobertas etc., os quais introduzem novos termos que se tornam familiares aos habitantes desta ou daquela região.

E' claro que esta lista deve enriquecer-se gradativamente do 1°. ao, 4°. ano onde o vocabulario será mais vasto e maiores as dificuldades.

No ensino da ortografia podemos considerar:

a) A *ortografia corrente*, que visa a forma organica da palavra isolada;

b) a *ortografia gramatical*, que se refere á organização da frase, visando a concordancia, a sequencia logica etc., a qual se adquire pelo desenvolvimento da linguagem e pela literatura

BASES PARA O ENSINO DE ORTOGRAFIA

A eficiencia do metodo no ensino da ortografia depende da *apresentação*, que é o ponto basico, por excelencia, e do *exercicio*.

Apresentação — Diversos são os passos ou processos de apresentação dos termos, a saber:

a) Apresentação pelo som;

b) Apresentação pelo som e pela visão dos movimentos dos labios e da lingua;

c) Apresentação pelos elementos acima e pela pronuncia do proprio aluno;

d) Apresentação, com os elementos anteriores, pela visão da palavra escrita, lida pelo professor e repetida pelo aluno.

Pesquisas americanas demonstraram que este ultimo processo de apresentação em que concorreram imagens auditivas, visuais e motoras foi o mais eficiente.

De acordo com essas pesquisas e com varias experiencias feitas com crianças de nossas escolas, foram tiradas as seguines conclusões.

1) A apresentação que afeta mais sentidos é a mais eficaz, porque a ela concorre maior numero de imagens;

2) A apresentação deve ser mais ou menos intensa, conforme a maior ou menor dificuldade dos termos;

3) A apresentação deve estar ligada a uma experiencia da criança, para facilitar a fixação e a conservação dos termos cuja significação lhe será dada previamente;

4) A dificuldade dos termos apresentados deve crescer gradativamente.

Exercicio — O exercicio, como lei do aprendizado, é indispensavel neste ensino.

No exercicio devemos considerar a lei da *similaridade* e a da *repetição*.

Visando a similaridade, concluimos que ha maior dificuldade e, portanto, mais erros, na ortografia de palavras com elementos muito parecidos e de palavras muito semelhantes entre si, as quais estabelecem confusão no espirito da criança e demandam, por isso, mais exercicio.

Considerando a *repetição*, verificamos que o ensino mais eficiente não é o que gasta mais tempo, porém aquele em

que ha repetições capazes de interessar a criança, devendo o trabalho durar de 10 a 20 ou 25 minutos, conforme a situação.

Segundo as experiencias de Suzallo, Fulton, Pearson, Wagner, Hollingworth, Toledo e outros, na apresentação deve-se observar o seguinte:

a) As palavras homonimas e as paronimas não devem ser apresentadas juntamente, por estabelecerem confusão de sentido e de forma, ao passo que as sinonimas e as antonimas, não oferecendo tais dificuldades, darão resultado positivo neste caso, desde que seja dada a sua significação á criança;

b) A apresentação de uma lista de palavras cognatas facilitará o aprendizado pelo conhecimento de um radical comum a muitos termos;

c) As palavras devem ser apresentadas em uma atividade que interesse a criança, e não isoladamente;

d) O ensino pela ordem das letras dará á criança o conhecimento do valor e do som das letras depois do conhecimento global da palavras;

e) O professor deve motivar e dirigir o ensino, procurando estimular a atividade dos alunos, auxiliando-os na aquisição do sentido dos termos etc., afim de manter o interesse que não teriam, trabalhando a sós.

Deste modo far-se-á a fixação e conservar-se-á melhor a ortografia do que em um tempo muito longo, cansando o aluno que perderá o interesse e a satisfação, a ponto de não fixar as ultimas palavras, pois, quando a criança erra por distração ou ignorancia, os erros vêm geralmente no meio do ditado, como observou Cornman em seus estudos.

CAUSAS DOS ERROS DE ORTOGRAFIA

Além dos erros ocasionados pelo cansaço, cometem as crianças outros erros cujas causas são: o *lapso*, a *percepção* auditiva ou visual defeituosa e a *associação* falsa, as quais

merecem o cuidado do professor, que poderá afastá-las oportunamente.

Para evitar o lapso dará aos alunos varios e bem dosados exercicios de atenção.

Para afastar a hipotese da percepção defeituosa, auditiva ou visual, pronunciará claramente todas as partes da palavra ou a escreverá nitidamente em caractéres bem legiveis; si, apesar desse cuidado, houver ainda alunos que se enganem, é preciso observar mais detidamente, porque pode se tratar de um caso patologico, sendo então necessaria a intervenção medica.

A causa dos erros pode ainda ser a linguagem defeituosa ouvida e falada em casa; em tais situações, torna-se mais dificil o trabalho, porque o professor terá de levar a sua ação á casa, á familia dos alunos, como aconselha Gates, que achou uma correlação positiva entre a boa pronuncia e a ortografia; ele quer que se observe a linguagem não só das crianças, mas tambem de seus pais, procurando melhorá-la, como fez em suas experiencias.

Um dos meios de estreitar as relações da escola com a familia dos alunos, é a associação dos pais e professores.

Associação falsa. Esta será evitada, desde que o professor procure dar sempre aos seus alunos a significação perfeita de todo o vocabulario com que jogar, empregando-o convenientemente em atividades da classe e de acordo com a capacidade das crianças ás quais deve proporcionar plena satisfação, para dar ensejo a repetições eficientes dos termos em questão.

No aprendizado da ortografia a criança passa por dois estadios: no primeiro, as dificuldades se acentuam no meio das palavras onde ela errará mais, devido ao sincretismo; no segundo, os erros serão mais frequentes no principio e no fim dos vocabulos, por defeito de percepção global.

O professor deverá cientificar-se de todos esses erros acompanhando cuidadosamente o trabalho dos alunos e pro-

mover meios de evitá-los, através de uma apresentação bem feita ou de corrigi-los em exercicios frequentes e interessantes.

CORRELAÇÃO ENTRE A ORTOGRAFIA, A LEITURA E A ESCRITA

O metodo empregado hoje no ensino da ortografia é, como no da leitura e da escrita, o *indutivo — dedutivo*; sendo global o ensino da leitura, o aprendizado da ortografia será feito tambem pela percepção global da palavra, em fichas no quadro negro etc.

Ha grande correlação entre as tres atividades citadas, pois a criança, fixando, na leitura, a forma da palavra, para distingui-la de outras, começará a fixar sua forma ortografica; logo, si escrever essa palavra, em seguida á leitura, terá a imagem motora que facilitará mais a conservação.

Note-se, porém, que, na caligrafia (escrita propriamente dita,) queremos dar á criança o contrôle muscular, as coordenações motoras, simples, complexas, assim como a imagem motora das *letras*, ao passo que na ortografia visamos a percepção da forma organica da *palavra*, o que se pode obter por meio da repetição da escrita dessa palavra, atendendo sempre aos principios que regem a *apresentação e o exercicio*, que são processos diferentes na caligrafia e na ortografia.

O exercicio de caligrafia pode ser mais variado, porque aí necessitamos apenas de exercitar a criança nas coordenações musculares e nos carateres alfabeticos; na ortografia, porém, deve-se repetir o mesmo exercicio para fixar a forma das palavras.

A criança aprenderá a ortografia do mesmo modo que a leitura, isto é, pela percepção global, chegando depois á sintetização, em que terá grande prazer de inventar palavras novas com elementos (silabas) de palavras conhecidas.

Ha crianças que, conquanto normais, permanecem por muito tempo no periodo da percepção global e têm dificulda-

de na sintetização; outras ha que não se desenvolvem naquele periodo e só progridem no da sintetização pelo interesse de formar palavras.

Aproveitando, portanto, as experiencias das crianças, a leitura e a escrita, podemos ensinar a ortografia de acordo com as lições do livro adotado e com a lista basica, cujo vocabulario será empregado com o seguinte criterio:

1º.) Ensinar palavras pequenas de forma caracteristica e puramente foneticas; aqui o metodo de apresentação será o auditivo visual, em que a criança, tendo as imagens auditiva e visual, terá tambem a motriz, pelo exercicio muscular.

2º.) Pelo mesmo metodo, ensinar palavras ainda curtas, em que haja grupos consonantais, letras mudas ou geminadas. (Hoje, com a nova grafia, não será preciso jogar com letras mudas).

3º.) Ensinar, por fim, as palavras maiores e mais dificeis, com elementos dos grupos anteriores.

Em todos esses casos, chegando ao periodo da sintetização, deve-se verificar: a) o vocabulario estudado; b) quantas palavras poderão formar-se; c) separar aquelas cuja ortografia fôr mais dificil, para fazer com elas diversos exercicios bem motivados.

—

A ORTOGRAFIA NO 1º. ANO

No 1º. ano, começa-se o ensino da ortografia ligando-o ao da leitura e da caligrafia, logo que a criança se exercita nas coordenações motoras da escrita; pode-se então dizer que, desde o primeiro dia de aula, se ensina a ortografia, porque, quando o aluno tenta escrever o seu proprio nome, o de uma gravura etc., está aprendendo ortografia, visto adquirir as imagens visual e motora desses nomes, dos quais já fixou a imagem auditiva pelos exercicio de linguagem e de leitura.

Então, para o ensino da ortografia corrente no 1º. ano, alem das situações acima, usar criteriosamente a lista basica

mais ou menos desenvolvida conforme as experiencias diarias da classe, palavras da lição de leitura etc., atendendo ainda ás diferenças individuais.

A ortografia gramatical será aprendida intuitivamente, de sorte que a criança vá induzindo (sem o perceber) as regras gramaticais, através do desenvolvimento da linguagem.

A's vezes a criança fala bem e escreve mal, porque não associou a forma ao sentido, mas os exercicios praticos e bem motivados podem corrigir esse defeito.

Sintetizando, indicamos aqui as etapas do metodo na ortografia corrente:

1°. Organizar a lista basica.

2°. Escolher as palavras mais faceis para o principio, não só na lista, mas tambem nas lições de leitura e em outras atividades da classe.

3°. Ensinar conjuntamente com a leitura e com a escrita, seguindo todas as etapas do metodo global.

4°. Fazer exercicios especiais com as palavras em que haja grupos consonantais.

5°. Ensinar as palavras mais dificeis da lista, da leitura e as sugeridas pelas experiencias da classe.

O material suplementar da leitura, como historias, jornal, anuncios, diario da classe, avisos, etc., deve ser aproveitado com o devido criterio.

Para verificar o desenvolvimento dos alunos, ha o ditado, que funcionará como test e do qual trataremos mais adiante.

A principio a ortografia corrente e a gramatical serão ensinadas em conjunto, mas, depois, isoladamente.

—

A ORTOGRAFIA NOS OUTROS ANOS DO CURSO

Para o ensino da ortografia corrente pode-se adotar o mesmo metodo, variando apenas o material, cuja dificuldade deve estar de acordo com o progresso da classe.

Do 2°. ano em diante, os alunos poderão usar facilmente o dicionario, que lhes será apresentado desde o primeiro ano.

Para a ortografia gramatical, o melhor processo do aprendizado é a literatura infantil que comunica satisfação, porque as associações são muito mais faceis e as experiencias se enriquecem mais, podendo até dispensar o exercicio de repetição mecanica.

O ensino da ortografia gramatical substituirá o da *gramatica propriamente dita*, porque será ministrado na correção dos trabalhos da propria criança, os quais o professor aproveitará para ensinar-lhe as formas corretas de linguagem, podendo então a classe descobrir certas regras gramaticais, sem as aprender teoricamente na gramatica.

A composição inteligentemente motivada é, neste caso, o material por excelencia, e poderá girar em torno de gravuras, atividades da classe ou extra-curriculum, etc.

Todo esse trabalho será facil e proveitoso si o professor, habilmente, ligar as experiencias escolares ás da vida pratica, na familia e na sociedade.

—

COMO CONTROLAR O DESENVOLVIMENTO DA CLASSE NA ORTOGRAFIA

O ditado será, neste passo, um test que dará ao professor a possibilidade de determinar o progresso dos alunos após algum tempo de aprendizado.

Podemos aplicar tres especies de test, a saber:

a) O test de palavras isoladas;

b) O test de historia;

c) O test de revista, em que se empregam palavras ensinadas isoladamente e em historias.

Como vimos, só se devem aplicar os tests, isto é, dar o ditado e outros trabalhos congeneres, depois de se haver ensinado a ortografia das palavras ou frases que os constituem.

No teste de revista, pode-se verificar si as crianças fazem transferencia da significação dos termos, e todo esse trabalho mostrará que a habilidade da ortografia varia de criança para criança, pois as diferenças individuais são mais acentuadas que as de sexo, idade etc., devendo, portanto, variar o metodo de ensino.

Si uma criança não tem o mesmo poder de analise que outras mais habeis, precisará de mais exercicio que estas; do mesmo modo, quando uma criança escreve muito mal, devemos procurar a causa dessa deficiencia, em relação ao desenvolvimento das outras, e usar para ela um metodo especial, levando em conta a causa dos erros, a qual é variavel para cada ano do curso.

Os teste e o grafico dos erros no principio, no meio e no fim das palavras, a correção das composções dos alunos etc., auxiliarão ao professor que procurará fazer mais drill com as palavras e com as expressões cuja frequencia de erros fôr maior.

A MUSICA NO ENSINO PUBLICO

Felizmente, em bôa hora, nós brasileiros vamos dispensando um pouco mais de atenção ao problema da educação musical.

Nas nossas modestas preleções e mesmo em escritos nesta Revista, temos sempre pugnado por algumas modificações indispensaveis, principalmente quanto ao ensino do canto escolar, de molde a preencher essa disciplina os fins que déla devemos esperar, do seu multiplo ponto de vista—educativo, higienico, pedagogico, recreativo e artistico.

Contando, como sempre, com a bôa vontade e o auxilio dos nossos dirigentes, já alguma cousa temos conseguido.

A instituição, por exemplo, do Canto Orfeonico na Escola Normal Modelo, com ampliação ao terceiro ano, medidas já ha tempos iniciadas e que o recente decreto do atual governo consolidou; a nova orientação dada ao programa de musica visando uma aplicação mais pratica das regras gerais e conhecimentos da teoria musical— atendendo a que o ensino da musica no curso normal não tem propriamente por fim formar artistas—são providencias acertadas e cujos resultados felizmente vão aparecendo, seja no estimulo despertado, seja na propria eficiencia do ensino.

Vemos agora, com satisfação, o empenho em que tambem se acham as autoridades escolares do Distrito Federal, onde está sendo atualmente organizado o serviço de musica e canto orfeonico nas escolas Normal, Profissional e Primarias, trabalho esse sob a direção artistica, pedagogica e energica do maestro Villa-Lobos, grande capacidade no assunto e compositor de renome mundial.

Ainda recentemente realizou-se naquela Capital, no Instituto da Educação e perante as autoridades da Instrução, o ensaio de conjunto, com alunos de varias escolas, conseguindo essa excução extraordinario exito.

Uma grande demonstração, promovida pelo Diretor Geral da Instrução daquela Capital, far-se-á ainda este mês, segundo anunciam os jornais, com o concurso de 13.000 vozes, na maioria alunos das escolas primarias e secundarias e do Instituto de Educação, das Escolas e Institutos Profissionais e das Escolas Primarias.

Esse auspicioso movimento pala arte, no Rio de Janeiro, no qual estão empenhados, além do maestro Vila-Lobos, o ilustre Dr. Roquette Pinto e outros valiosos elementos do magisterio publico, bem mostra o quanto podem o esforço e a dedicação de brasileiros em pról desse nobre e elevado ideal—a educação artistica do nosso povo.

Existe ha mais de trinta anos, nos Estados-Unidos, uma federação orfeonica, creada por Teodoro Tomas e atualmente dirigida por Ernest Schling, exclusivamente para crianças, e com o efetivo de 150.000 orfeonistas, espalhados por todos os Estados e com séde em Nova-York.

Mas, não só isso; como meio de atrair habilmente as crianças para os concertos infantis estimulando-lhes a imaginação e o desejo de ouvir musica, recorreu esse ilustre educador a outros expedientes.

Esses concertos em geral são ilustrados com projeções luminosas, contendo o retrato dos compositores, cuja musica vai ser executada, paisagens onde êles viveram, os cuidados que cada um deles tinha com seus instrumentos, quadros alegoricos, geograficos, historicos e patrioticos, quadros unindo a musica e a arquitetura, temas musicais, autografos, estampas pitorescas, lendas, etc., tudo isso com o fim de ir prendendo a atenção das crianças, ao mesmo tempo que a musica, por si mesma, continúa a deleitar-lhes o espirito.

Emquanto não podemos fazer entre nós essas cousas, que só aos poucos conseguimos realizar, ocorreu-nos sugerir, como primeiro passo, que se facilitasse ás alunas da Escola Normal a entrada gratuita nas audições da Sociedade de Concertos Sinfonicos, já tão bem organizados pelo ilustre maestro Francisco Nunes, e que tantos beneficios ha proporcionado já ao nosso meio social, o que foi bondosamente atendido.

II

A escolha de um bom repertorio—tal outro ponto sobre o qual cumpre insistir.

Parecerá absurdo dizer que não ha entre nós gosto pela musica. Mas, de fato, não ha, no bom sentido do termo. Como bem pondera um illustre critico musical, vemos, por toda parte, a cada momento, em todo lugar, um grande interesse pela musica. São os fox-trots, as cançonetas, os tangos; são trechos de revistas e de operetas, que se repetem constantemente e a proposito de tudo. Sendo assim, parece que nada faltará para a disseminação e o cultivo da musica. Cumpre, entretanto, reconhecer—acrescenta— que a materia musical fornecida por essa forma e acolhida com tanto interesse, é profundamente nociva e de nada vale, por si, do ponto de vista da verdadeira cultura musical.

Essa musica assim espalhada pelo mundo, em numero infinito, pelo papel, pelo disco, pelo radio, pelos conjuntos devidamente amparados pelos mil recursos da propaganda, constitue mero pretexto para a dansa banal, com isso coagindo-se a sublime arte á humilhante abdicação do seu poder emotivo sem igual, ou então tem por fim evocar sentimentos da mais chocante trivialidade.

Essa musica, chamada «musica vulgar», tão diferente da autentica «musica popular», evidentemente precisa ser substituida. A primeira cousa a fazer nesse sentido é, pois, procurar afastar essa musica vulgar, de maneira a irmos conseguindo pouco

a pouco um interesse mais seguro pela arte magnifica dos sons, incutindo nas crianças, com o amor do canto, o gosto pela verdadeira musica, séria e bem feita.

Fabiano Losano, rara competencia nesses assuntos, tido como o "bandeirante" dos orfeons brasileiros, e que hoje ocupa o cargo de assistente tecnico da diretoria do ensino em S. Paulo, impôs como norma a adoptar-se para a formação de um bom repertorio escolar, o seguinte: 1.°, que na diretoria de cada estabelecimento de ensino haverá uma especie de indice-guia da materia pratica estudado em classe, illustrado com um exemplar de cada melodia nova; 2°., que dos cantos novos ensinados aos alunos seja remetido um exemplar á diretoria geral do Ensino, com indicação da procedencia, autoria, arranjo, etc., como contribuição para o Cancioneiro Escolar, sempre em constante formação e renovação.

Entre nós, poderiamos talvez simplificar um pouco o processo, com os mesmos resultados: seria bastante que os estabelecimentos de ensino enviassem á Secretaria da Educação um exemplar de todas as peças novas a executar, afim de serem devidamente selecionadas, do ponto de vista artistico, literario e educativo.

Com isso iriamos aos poucos concorrendo para a formação e renovação constante do nosso repertorio escolar, com proveito para os alunos e para a arte.

III

Devemos, com efeito, reconhecer que o ensino da musica no Brasil, tem sido até aqui deficiente, exigindo uma nova orientação, mais pratica e racional. Mesmo em paises que se presumem possuidores de elevada instrução, dizem os mestres, aì mesmo o ensino dessa diciplina está cheio de lacunas lamentaveis, sendo a educação musical, a bem dizer, puramente livresca. Entre nós, a verdadeira musica constitue ainda, não ha negsar, um quasi privilegio das classes mais favorecidas. Os que frequentam os salões de concertos são em pequeno numero. As

camadas populares vivem na mais completa ignorancia. Entretanto o povo brasileiro é um povo musical por excellencia, dotado do instinto da melodia e do ritmo. A falha está, antes de tudo, nos metodos de ensinar.

Modernamente têm-se modificado os metodos para todas as disciplinas, menos para a musica. Mas, como observa muito bem o professor João Gomes Junior, não ha motivo que justifique essa exceção. Os principios basicos do ensino da leitura e da linguagem, diz elle, são os mesmos que servem de fundamento ao da musica. Assim como reproduzimos o nosso pensamento por meio da palavra falada ou escrita, assim tambem com a palavra musical, o compasso, entoado ou escrevendo, manifestamos o nosso sentimento. Na linguagem temos os simbolos formando as palavras e as palavras formando as proposições. Na musica temos os sinais formando os compassos, estes constituindo a frase, e esta compondo o pensamento musical. No ensino da leitura, o professor dá a seus alunos palavras já conhecidas, para que êles só tenham a preocupação de lhes guardar as imagens e é exatamente dessas palavras que eles vão tirar os elementos de formação dos vocabulos cujas imagens e significações são para êles ignoradas. Assim, da frase musical de uma melodia conhecida, tiramos o valor da figura e a intensidade do som.

Precisamos, pois, partindo desse principio, *racionalizar* o ensino da musica. Enquanto não se fizer isso, inutil será esperar uma cultura, mesmo rudimentar, da verdadeira arte. Esse processo consiste em se procurar deduzir dos exercicios praticos o ensino da teoria— metodo muito razoavel adotado principalmente pelo professor João Gomes Junior, em S. Paulo, e que vamos introduzindo tambem, com resultados satisfatorios, nas nossas classes.

IV

Quanto á educação musical, ainda, de que vale tambem o aluno conhecer as figuras musicais, a divisão dos compassos,

as claves, etc., si não tem idéa perfeita do som expresso pela nota musical?

A **educação do ouvido** deve ser o ponto de partida para o ensino da musica. Nada adianta, rialmente, ter o aluno a idéa material da figura musical, sem possuir, entretanto, nenhuma noção daquilo que essa nota exprime; conhecer, em suma, toda a teoria musical, através das artinhas e dos livros, sem conseguir ler a mais simples frase.

Jacques Dalcroze, durante vinte e tantos anos de magisterio, conseguiu idear um metodo de solfejo, que constitue, antes de tudo, um verdadeiro **training** para o senso auditivo e o sentimento da tonalidade. Baseado em experiencias pedagogicas sempre renovadas, chegou ele ao resultado de que, para darmos conta dos sons e dos acórdes, precisamos antes de tudo ouvi-los. Essa educação musical, sempre em contacto com a realização sensivel, é singularmente atraente para os alunos, e dá, desde o começo, conforme verificou esse ilustre educador, o melhor proveito.

V

Outra particularidade do metodo de Dalcroze, e que tem apresentado otimos resultados para a iniciação do estudo da musica, consiste na adoção da **ginastica ritmica** unida ao canto para as crianças desde 5 e 6 anos.

Sendo o ritmo, de fato, a forma do movimento de natureza **primaria**, na musica, e o som, de natureza **secundaria**, é logico, e indispensavel, diz Dalcroze, que a educação musical principie com o estudo da ordem motiva, que é o ritmo, transformando-se, no inicio, em **educação plastico-musical**.

Segundo a define, em nota oficial, a Reitoria da Universidade do Rio de Janeiro, «a **ginastica plastico-musical** é uma diciplina elementar, cu a finalidade consiste em **ritmar, musicalizar, harmonizar** o corpo humano, tendo por

base os ritmos musicais que ela reincarna, pelo novo processo de educação plastica, em movimentos plasticos-ritmicos corporais. Ela educa plasticamente e musicalmente o corpo de seus adeptos. Ensina a receber e a assimilar os ritmos musicais, desenvolvendo o sentido estetico-muscular do ritmo, a sadia e ritmica respiração e harmonia ritmica dos movimentos, a expressividade dos gestos, a sensibilidade geral do corpo.

E' o que, por outras palavras, explica aquelle professor. A musica, sendo composta de sonoridade e de movimento, os estudos musicais devem naturalmente ter inicio por experiencia de ordem locomotora E' ritmicamente que devemos pôr em movimento cada membro separadamente; depois, todos os membros simultaneamente;—enfim, todo o corpo do aluno, regulando-lhe a forma dos movimentos. Como a cultura e a posse da energia constituem necessidade essencial para a perfeita realização dos ritmos, é preciso que os musculos façam separadamente e simultaneamente exercicios dinamicos, tendo em consideração todas as gradações de força, transições successivas e contrastes subitos. E' preciso tambem que o aluno introduza intervalos de duração entre os movimentos a ritmar ou a medir, de forma a tornar concientes as faculdades de representação do ritmo e consigo ter a percepção espiritual dos movimentos. Depois do que, deverá aprender a discernir nos ritmos sonoros o que é movimento e o que é sonoridade, a transportar o movimento em sons e os sons em movimentos e a opôr e combinar os movimentos sonoros e os movimentos corporais e plasticos.

Graças a esses diversos meios, formar-se-á a conciencia ritmica, e o aluno terá compreendido os valores de tempo e de sua representação escrita. Os musculos respiratorios bem exercitados poderão, sem perigo para a voz, aplicar-se ao estudo das tonalidades.

Vemos, pois, como estão inteiramente ligadas essas duas artes—a musica e a ginastica. A adoção, portanto, da ginastica ritimica como iniciação da educação musical, seria mais uma

inovação proveitosa e que corresponderia perfeitamente ao espirito da escola moderna», que visa crear a harmonia entre o espirito e o corpo e despertar na alma da mocidade a ansia irresistivel de perfeição, de beleza e de verdade.

BRANCA DE CARVALHO VASCONCELLOS

A OBRA NACIONAL DA INFANCIA NA BELGICA

O Congresso da Associação Internacional para a Proteção da Infancia realizou-se em Liège, de 30 de julho a 6 de agosto ultimo.

A enumeração dos assuntos estudados basta para indicar o interesse apresentado pelas sessões de trabalho das diferentes secções:

1°.) a tuberculose entre os escolares;

2°.) a proteção da infancia na idade preescolar (3 a 6 anos);

3°.) a situação das crianças cujos pais vivem separados;

4°.) o exame racional dos escolares;

5°.) o estado dos conhecimentos em fisiologia da digestão e da nutrição do bebê, tendo em vista fixar as bases da alimentação.

Ao menos tão interessantes foram as visitas das obras da cidade de Liège, da provincia liegense e do Estado Belga; ali se exerce essa proteção da infancia, a respeito da qual é, sem duvida, util falarmos, mas mais urgente ainda nos ocuparmos de maneira intelligente e ativa.

Certamente, quando se trata das crianças, os impulsos e as boas vontades não faltam. Fóra das desintelligencias, das lutas de partidos e dos odios individuais, a «mistica da criança», segundo a expressão do sr. Th. Rosset, conseguiu crear o dominio da verdadeira «entente» universal, em que todos se sentem prontos a colaborar.

Mas, precisamente porque o campo de acção é vasto e os operarios muitos, as vezes demasiados, cada um pretende desbravar, pôr em realce a sua atuação a seu modo, sem bastante

atenção pelo que se faz alhures. Daí, e pletora de obras, umas exsangues, outras insuficientes para uma tarefa muito pesada; estas, fazendo o duplo emprego; aquelas, hostilmente isoladas das organizações similares que as precederiam ou as completariam.

E' para obviar a esses inconvenientes por demais evidentes que, por proposta do sr. ministro da Justiça, Jaspar, foi votada na Belgica a lei que organizava a "Obra nacional da Infancia". Já em 1903, uma Liga Nacional tinha sido fundada para coordenar os esforços dispersos, tendo em vista a Proteção da infancia da primeira idade. Durante a guerra e a ocupação, as obras assim grupadas constituiram a *Secção da infancia da Comissão Nacional de Socorro e Alimentação*, que teve de arrostar tantas miserias e de improvisar tantas salvações.

Restabelecida a paz, tratava-se de consolidar, de melhorar a organização, ainda em estado de esboço: isso foi feito pela lei de 5 de setembro de 1919.

A "Obra Nacional da Infancia", diz essa lei, tem por missão acoroçoar e desenvolver a proteção da infancia e, principalmente:

Favorecer a difusão da aplicação das regras e dos metodos cientificos á higiene das crianças, quer nas familias quer nas instituições, publicas ou privadas, de educação.

"Encorajar e sustentar, pelo abono de subsidios ou por outra maneira, as obras relativas á higiene das crianças;

Exercer, enfim, um controle administrativo e medico sobre as obras protegidas.

A Obra Nacional da Infancia desempenha a sua missão, gerindo, ela propria, obras creadas por todas as iniciativas, sob a condição unica de se conformarem com o regulamento.

"Todo pedido de adesão é examinado pela Comissão provincial á qual ele deve sempre ser dirigido.

Este a transmite ao Conselho Superior das Obras da Infancia. Si a obra preenche as condições prescritas pelo regulamento, é aceita provisoriamente e pode pedir, por esse facto, um subsidio provisional á administração central, que fica pro-

prietaria da soma adiantada. Esse subsidio permite á obra fazer prova de vialibilidade, de boa gestão, em consequencia do que, ela é aceita definitivamente.

"A Obra Nacional da Infancia" é, pois, uma obra *oficial*, porquanto é creada por uma lei que lhe assina uma missão e lhe dá os meios financeiros de exercê-la. Ela emerge obrigatoriamente do orçamento do Estado; seu credito é votado anualmente pelas Camaras.

Ela é uma obra *independente*, porque a lei lhe dá a personalidade civil e a faz dirigir por um conselho de administração, cujos membros, pela primeira vez sómente, foram nomeados pelo Rei. Esse Conselho, Conselho Superior das Obras da Infancia, é composto de 40 membros que se renovam por cooptação".

O tipo de algumas obras creadas ou subvencionadas pelo O. N. E. nos é extremamente familiar.

São as consultas prenatais, as casas maternais, os socorros de parto com o emprestimo de material; as consultas de lactantes, com serviço de visitas a domicilio para as enfermeiras visitadoras; as gotas de leite, as creches, as cantinas e colonias para crianças debeis; os institutos de convalecentes, de meninos ratardados ou deficientes. Por toda parte, e isso parece já mais original, a Obra exerce uma ação educadora que se dirige ás mães de familia de todos os meios; quanto aos socorros materiais, eles são reservados aos lares cujos recursos não ultrapassem o «baréme» fixado segundo o index number. Disposição importante: todas as crianças, sem distinção, colocadas para serem cuidadas ou alimentadas em estabelecimentos especiais, são obrigatoriamente submetidas, até á idade de 7 anos, á vigilancia efetiva e continua da Obra Nacional da Infancia.

Emfim, esta mesma obra estabeleceu, na sua séde central, serviços que têm por escopo facilitar a tarefa dos dirigentes das obras locais, tendo estes ao corrente de todos as questões que podem interessá-los, provocando entre êles permutas de idéas, fazendo em torno das obras a publicidade necessaria.

A Assistencia Social é confiada a investigadores e investigadoras que informem as Comissões a respeito do fundo consolidado e da urgencia dos pedidos de socorros; a assistentes, que encaminham os solicitadores para as pessôas e as obras qualificadas, para que lhes venham em auxilio.

Uma Central de Compras, bem constituida para desenvolver o senso cooperativo dos protegidos da O. N. E.

Uma *Imprensa*, uma *Biblioteca* completam esta importante organização, cuja propaganda é assegurada, entre a mocidade das escolas e entre o grande publico, por palestras, conferencias, exposições, sessões de cinema e radiodifusão, reclames luminosos, cartazes, brochuras, cadernetas de saude, revistas e boletins diversos.

O interesse de semelhante empresa reside, antes de tudo, é bem evidente, nessa coordenação inteligente e eficaz das organizações privadas que recebem dos Poderes Publicos encorajamento e subsidios, sem nada perder de sua influencia e de seu espirito de iniciativa; ao passo que a sanção governamental dá aos subscritores das obras, bem como aos seus clientes, todas as garantias de seguridade.

Mas pode-se ver ai outra cousa, pelo menos como realização de futuro.

Educar uma criança, velar pelo seu desenvolvimento fisico, despertá-la para a vida moral e intelectual, orientar a sua atividade no sentido de suas aptidões verdadeiras, defendê-la contra os perigos da existencia material, protegê-la contra as injustiças da vida social, é, seguramente, de todas as empresas humanas, a mais importante, a mais complicada e que exige, pois, para ser levada a bom termo, multiplas colaborações. Quando os pais estão á altura de sua missão, é ao lar familiar, é por seu intermedio que se estabelecem essas colaborações. Mas, quando a familia falta, se desinteressa do seu papel, ou não está nas condições de o desempenhar, é debalde que funcione toda a engrenagem: organização escolar, inspecção medica, orientação profissional, assistencia publica ou benefi-

cencia privada, conselhos tutelares, tribunais; estabelece-se a colaboração entre êles, e algumas vezes nunca se estabelece. Aqueles cujas esforços deveriam convergir, que se ocupam das mesmas crianças, muitas vezes se ignoram uns aos outros; trata-se de funcionarios pertencentes a Ministerios diferentes ou de obras de compartimentos muito estreitos.

Compreende-se o que uma obra *de conjunto* como a O. N. E. pode fazer para permitir todas as aproximações uteis: essas comissões regionais constituirão facilmente os terrenos de encontro em que será possivel ao professor combinar com o medico, o especialista, o conselheiro de vocação, ou o jurista, a respeito de tal ou tal aluno, cuja situação ou cujo futuro o inquietem. Os pais que só pecam por ignorancia saberão doravante onde encontrar toda a documentação. E, si as crianças, parcialmente ou completamente, não podem esperar desta grande familia adotiva a ternura e a intimidade insubstituiveis, ai acharão, ao menos, uma vigilancia cautelosa, um concurso de bôas vontades, uma segurança de direção que lhes garantirão a mais eficaz das preparações para a vida.

Uma saúde tão solida quanto possivel, o logar mais adequado ás suas capacidades, não são duas das mais seguras condições de felicidade? Ao mesmo passo que o alivio da sorte da criança injustamente desgraçada, uma excelente defesa social pode ser assim realizada.

Eis porque a Obra Nacional da Imprensa Belga, tal como existe desde agora, e com tudo o que suas vastas possibilidades de desenvolvimento lhe permitirão realizar ainda, nos pareceu representar uma das mais interessantes soluções aos problemas que se formulem, de um ano para outro, nos Congressos da Associação Internacional, para a Proteção da Infancia.

M. ANGLES

Inspetora Geral das Escolas Maternais

A CARTA NORTE-AMERICANA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS

Publicamos em seguida a carta dos direitos da criança, aprovada na assembléa celebrada na Casa Blanca, sob a presidencia do presidente dos Estados Unidos, sobre a higiene e a proteção infantil.

A assembléa, reconhecendo os direitos da criança como os primeiros direitos da cidadania, compromete-se a defender estes fins para as crianças da America:

I — Para toda criança uma educação espiritual e moral que a ajude a manter-se firme sob pressão da vida.

II — Para toda criança, inteligencia e respeito de sua personalidade como seu direito mais valioso.

III — Para toda criança, um lar e aquele amor e segurança que este lar depara; e para toda criança que haja de receber nutrição alheia, a atenção mais parecida com a do proprio lar.

IV — Para toda criança, a plena preparação para seu nascimento, devendo sua mãe receber assistencia prenatal, natal e postnatal, e a organização das medidas que tornem mais seguro o parto.

V — Para toda a criança, uma proteção higienica desde o nascimento até á adolecencia, incluindo o exame higienico periodico e, quando seja necessario, a assistencia de especialista e o tratamento hospitalar; exame dental regular e cuidado dos dentes; medidas protetoras e preventivas contra as enfermidades contagiosas, garantias de alimento, leite e agua puros.

VI — Para toda criança, desde o nascimento até á adolecencia, melhora da sua saúde, incluindo o ensino e o programa da higiene, recreio fisico e mental saudavel com mestres e guias devidamente preparados.

VII — Para toda criança, um domicilio seguro, sanitario e são, com medidas razoaveis para a intimidade, livres de condições que tendam a permitir-lhes a expansão, e um ambiente domestico harmonioso e enriquecedor.

VIII — Para toda criança, uma escola livre de acidente, sã, devidamente equipada, iluminada e ventilada. Para toda criança pequena, escola de guarda e de parvulos para completar o cuidado domestico.

IX — Para toda criança, comunidade local que reconheça suas necessidades e a proteja contra os perigos fisicos os azares morais e as enfermidades; que lhe proporcione lugares sãos e seguros para seus jogos e recreios e adote medidas para suas necessidades culturais e sociais.

X — Para toda criança, uma educação que, mediante a descoberta e o desenvolvimento de suas capacidades individuais, a prepare para sua vida, e que, mediante a educação e a orientação profissional, a prepare para uma vida que lhe produza o maximo de satisfação.

XI — Para toda criança, o ensino e a educação capaz de prepará-la para uma paternidade, vida domestica e cidadania acertadas, e, para os pais, uma educação suplementar afim de habilitá-los a resolver convenientemente os problemas da paternidade.

XII — Para toda criança, uma educação para a proteção contra os acidentes a que estão sujeitas, pelas circunstancias modernas de vida; contra aqueles a que está diretamente exposta e contra os que, pela perda ou impedimento de seus pais, a afetam indiretamente.

XIII — Para toda criança cega, surda, tolhida ou que padeça outra qualquer anormalidade fisica, aquelas medidas que lhes descubram ou diagnostiquem precocemente o defeito, proporcionem assistencia e tratamento, e a eduquem de sorte que possa chegar a ser um membro ativo da sociedade, em vez de uma carga.

Os gastos desses serviços serão satisfeitos com fundos publicos quando não possam sê-lo particularmente.

XIV — Para toda criança que entre em conflito com a sociedade, o direito de ser tratada inteligentemente como um dever da sociedade e não como uma desherdada dela; com o lar, a escola, a igreja, o tribunal e a instituição protetora, si a necessita, dispostas a devolvê-la, o mais breve possivel, á corrente normal da vida.

XV — Para toda criança, o direito de desenvolver-se em uma familia com um nivel de vida adequado e a segurança de um soldo ou salario fixo como a garantia mais segura contra os obstaculos sociais.

XVI — Para toda criança, proteção contra o trabalho que impede o crescimento fisico ou mental, que limita a educação, que priva a criança do direito ao companheirismo, ao brinquedo e á alegria.

XVII — Para toda a criança rural, serviços escolares e higienicos tão satisfatorios como os destinados á criança urbana, e extensão, ás familias rurais, das facilidades sociais, recreativas e culturais.

XVIII — Para completar o lar e a escola na educação da juventude e para lhes devolver os juros que a vida moderna tende a ficar restando ás crianças, dar-se-ão todos os estimulos e incentivos á difusão e desenvolvimento das organizações juvenis voluntarias.

XIX — Para tornar utilizaveis estas proteções minimas da saúde e bem-estar das crianças, crear-se-ão organizações locais, provinciais ou regionais para a defesa da saude, educação e bem estar, com funcionarios especiais, coordenando-as em um programa nacional que corresponderá a um serviço nacional de informação, estatisticas e investigações cientificas. Isto suporia:

a) Funcionarios da Saúde Publica especialmente preparados, com "nurses" sanitarias, inspeção medica e investigadores.

b) camas disponiveis nos hospitais.

c) serviço do bem-estar publico para o auxilio, assistencia e guia das crianças, especialmente necessitadas por sua pobreza, infortunio ou dificuldades de conduta, e para proteger as crianças contra o abuso, o descuido, a exploração ou os azares morais.

Para todas as crianças, estes direitos, sem distinção de raça ou de côr ou de posição, onde quer que vivam sob a proteção da bandeira norte-americana.

EXCURSÃO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FISICA

A excursão é uma atividade que oferece grande oportunidades á educação fisica.

Não se confunda a excursão com a simples visita. Numa excursão o individuo atua diretamente dentro do meio em que se acha aplicando as proprias habilidades e conhecimentos, no intuito de adatação reciproca e de um aproveitamento eficiente das horas passadas no lugar. Numa visita, entretanto, o individuo faz simplesmente enriquecer os proprios conhecimentos, observando o trabalho já elaborado, ou que outrem esteja fazendo. Não ha atuação pronta; seu papel é passivo, é receptivo, como de méro espectador que é.

Para se realizar uma excursão, não deve a professsora apresentá-la aos alunos com um fato inesperado, uma surpresa que cerceia a espontaneidade e a iniciativa do educando, não lhe permitindo ao espirito "formular as hipoteses mais simples e mais simpaticas, de acôrdo com os dados conhecidos", dados que o prepararíam para as impressões exteriores e para a identificação com o meio em que se vai encontrar. A professora, antes de deixar transparecer seu intuito, ha de criar situação favoravel, capaz de motivar a excursão e despertar, nos alunos, interesse pelos seus objetivos, procurando habilmente focalizar todos os prismas pelos quais êles as podem encarar, segundo a propria idade, desenvolvimento e interesse.

Motivada que éla seja, o seu plano será elaborado numa discussão geral de professores e alunos, cabendo áqueles deixar a estes o maximo de iniciativa e liberdade, aplaudindo-lhes as bôas sugestões, incentivando-lhes as opiniões, treinan-

do-os assim no julgamento, no raciocinio, na resolução de problemas, na previsão e presolução de acontecimentos possiveis. Que os deixem ir sentindo que sobre êles recairá a responsabilidade pelo exito ou fracasso da empresa. E' esta uma otima oportunidade de se descobrirem e canalizarem tendencias.

Durante a discussão, a professora irá, por meios indiretos, chamando a atenção dos alunos para algum ponto principal, acendendo assim o interesse cada vez mais vivo pela excursão.

Chegando-se ao acôrdo sobre que éla deve ser feita, entra-se no periodo de organização.

ORGANIZAÇÃO

Nenhuma organização poderá existir e ser eficiente sem que o trabalho seja classificado e distribuido entre corpos, de acôrdo com as possibilidade dos elementos que os constituem. Entretanto, a professora não deve interferir diretamente na seleção e na organização das comissões. E' uma tarefa que ha de ficar a cargo dos alunos. A êles caberá, para organização da excursão, o julgar, escolher ou eleger uma excursão, principal ou central, sobre cujos ombros pesará a responsabilidade da tarefa.

Não é fóra de hora acentuar que, conhecendo, em geral, os proprios colegas, melhor do que a professora, costuma ter um criterio admiravel para a seleção.

Entretanto, póde acontecer que a professora não julgue muito acertada alguma escolha. Procurará ter então habilidade para entrar em contacto com os elementos escolhidos e orientá-los no trabalho que haja a fazer.

COMISSÃO CENTRAL

A comissão central é a responsavel por tudo que se faça relativamente á excursão. A éla cabe controlar todo o serviço, que se desenvolverá através das sub-comissões por élas escolhidas.

As sub-comissões se organizarão de acôrdo com as necessidade da excursão, atingindo o numero que seja necessario.

Os assuntos naturais sobre os quais terão élas de providenciar são: alimentação, condução, higiene, esportes, instalação, ordem.

SUB-COMISSÃO

(1) Alimentação. A' sub-comissão de alimentação caberá verificar tudo o que se relacione com o sustento dos companheiros, durante a excursão. Para isso terá que ver si a excursãs vai ser para o dia todo ou só para algumas horas; si abrangerá a hora de alguma refeição principal ou si será em espaço de tempo em que baste providenciar sobre a merenda, etc. Cuidará de ver quantos são os excursionistas, para calcular quanto de alimentação será necessario. Verificará a questão do transporte da alimentação, caso éla tenha de ser levada do ponto de partida.

Si éla puder ser fornecida no local ou em alguma vizinhança do local da excursão, cuidar tudo bem, com antecedencia, para que se evitem os incomodos e perturbações de providencias de ultima hora.

(2) Condução. Cuidará do transporte dos excursionistas. Decidida a maneira da viagem, de auto-omnibus, de trem, de bonde, a pé, a éla tocarão as providencias como seja adquirir passagens, contratar os carros necessarios, verificar e traçar o itinerario a ser seguido, etc.

(3) Higiene. Tem um papel importante a sub-comissão de higiene. Diz muito de perto com o bem estar dos excursionistas. E' preciso que êles se sintam á vontade, sem constrangimento, no referente ás necessidades naturais. Si a excursão é a um estabelecimento, por ex., incumbe aos da higiene providenciar junto á direção do mesmo, para que tenham á disposição a agua, as instalações sanitarias, etc. Quando a excursão se faça ao campo, á sub-comissão de higiene compete localizar bem o ponto de estacionamento, escolhendo-o, naturalmente, pela sua amenidade, comodidade e higiene.

A éla tambem compete providenciar sobre os socorros farmaceuticos de emergencia — a Caixa da Cruz Vermelha, nunca se esquecendo de verificar antes si esta está bem sortida.

(4) Esportes. A' sub-comissão de esportes cabe a organização do programa esportivo da excursão. Escolherá as atividades de acôrdo com o local. Escalará «teams» e evitará o mais possivel o transporte de material. Baseando-se nas informações da sub-comissão de higiene, a sub-comissão de esportes poderá ver facilmente como aproveitar os recursos naturais do local e como a êles adaptar as atividades do programa.

(5) Instalação. E' a sub-comissão encarregada de bem instalar a excursão. Conhecido o local (através de informações da sub-comissão de higiene) verificará o que seja preciso levar para bem acomodar tudo. Localizará e dirigirá as intalações. Os seus componentes farão um verdadeiro papel de donos de casa, pondo atenção em que corra tudo muito em ordem e sejam todos bem atendidos.

(6) Ordem. E' a sub-comissão veladora pelo bom andamento da excursão. Todas as perturbações, infrações, faltas, deficiencias, serão por éla anotadas; tambem a éla será levada noticia, pelas outras sub-comissões, do que de anormal se passe no proprio setor de ação.

Os projetos das sub-comissões serão examinados e aprovados pela comissão central, e submetidos ao visto da professora.

Uma vez feita a excursão, a professora tomará uma ou algumas aulas posteriores, para se discutirem os seus valores, podendo escrever sobre élas os excursionistas que o quiserem.

(Do Livro «Tecnica e Didatica da Educação Fisica», em elaboração).

AUTORES

R. E. ANDRADE
ZEMELA S. DE SA'
GUIOMAR M. BACKER

Colaboração de J. LOURENÇO

O GRILO

(TRADUÇÃO)

J. H. Fabre

Quasi tão celebre como a cigarra, o grilo campestre, hospede da relva, figura entre os insetos classicos, que são em numero muito restrito, mas gloriosos. Ele deve essa honra ao seu canto e á sua habitação.

Longe de se lastimar, vive satisfeito com a sua morada e com a sua rabéca. Como verdadeiro filosofo, reconhece a vaidade de todas as cousas; aprecia o encanto de um modesto retiro, longe do tumulto dos gosadores.

Sob este aspecto, o grilo é, com efeito, extraordinario, o unico de nossos insetos que possue, quando vem a idade madura, domicilio fixo, obra de sua industria. Na estação impropicia, a maior parte dos outros se mete sob a terra, acocora-se no fundo de um refugio provisorio, obtido sem esforço e abandonado sem pesar.

Muitos, com o intuito de estabelecer a familia, fazem maravilhas: odres de lanugem, cestas de folhagem, torreões de cimento.

Algumas larvas que vivem de rapinagem habitam emboscadas permanentes onde esperam a caça. A da Cincindella, entre outras, cava um poço vertical, que ela fecha com a sua cabeça chata e bronzeada. Quem se aventura sobre o insidioso passadiço desaparece no sorvedouro, cujo alçapão num movimento de bascula, foge aos pés do transeunte. A formiga-leão excava na areia uma cova em forma de funil com

a superficie das declividades muito movel, onde escorrega a formiga apedrejada por uma chuva de projectis lançados do fundo da cratera pela nuca do caçador transformada em catapulta. Porem, esses são refugios temporarios, ninhos, armadilhas.

O domicilio laboriosamente edificado, onde o inseto se instala para não mais se mudar, nem nas delicias da primavera, nem nas miserias do inverno; a verdadeira mansão, fundada em vista de sua propria tranquilidade, sem preocupação de caça ou de familia, só o grillo a conhece. Nalguma encosta coberta de relva, visitada pelo sol, elle é proprietario de uma ermida. Emquanto os outros vagabundeiam, dormem ao relento ou ao abrigo eventual de um tronco fendido, de uma folha morta, de uma pedra, elle, por um singular privilegio é domiciliado.

Grave problema o da habitação, resolvido pelo grilo, o coelho e, finalmente, o homem. Na minha vizinhança, a raposa, o texugo têm covis constituidos, na maior parte, pelas anfractuosidades das rochas. Alguns retoques completam o reduto. Mais avisado, o coelho fundou seu domicilio e cava onde melhor lhe parece quando não encontra um corredor natural que lhe permita estabelecer-se sem esforço.

O grilo os excede a todos. Desdenhoso dos abrigos de emergencia, escolhe sempre o sitio da sua moradia em terreno higienico, bem insolado. Não aproveita cavidades fortuitas, incomodas e frustas; constroe toda a sua toca desde a entrada até o apartamento do fundo. Acima dele, na arte do domicilio, só vejo o homem.

Quem não conhece a morada do grilo. Quem, na idade dos brinquedos sobre a relva, não encontrou a cabana do solitario? Por mais ligeiro que seja o passo, ele percebe a vossa aproximação, e num recuo brusco desce ao fundo do seu esconderijo. Quando chegais, a soleira da porta está deserta.

A maneira de fazê-lo sahir é conhecida por todos. Uma palha é introduzida no covil e agitada levemente. Surpreendido pelo que se passa lá por cima, acutilado, o inseto só-

be do seu apartamento secreto; pára no vestibulo, hesita, informa-se agitando as suas finas antenas; sai á luz e de tal modo os acontecimentos lhe perturbam a pobre mente que ele se torna uma preza facil. Si fracassa a primeira tentativa e ele se torna mais suspeitoso, resistindo ás titilações da palha, a inundação com um copo dagua desaloja o obstinado.

Adoraveis tempos do grilo capturado e alimentado com uma folha de alface, ingenuas caçadas infantis nas bordas das veredas cobertas de relva, eu vos revejo explorando-lhe hoje as tocas em busca de material para meus viveiros de estudo; eu vos sinto quasi com a vossa primitiva frescura quando meu companheiro Paulinho, já mestre na tatica da palha, bruscamente se levanta depois de uma longa luta de paciencia e de habilidade contra o recalcitrante, sacode no ar sua mão fechada e grita emocionado: "Peguei, peguei"! Depressa num cartucho de papel, pequeno grilo. Serás tratado com carinho, mas ensina-nos alguma cousa e mostra-nos primeiro a tua moradia.

E', por entre a grama, nalguma rampa ensoalhada, propicia ao rapido escoamento das chuvas, uma galeria obliqua, do calibre apenas de um dedo, infletida ou reta, conforme as exigencias do terreno. Um palmo no maximo mede o seu comprimento. Habitualmente um tufo de relva, respeitado pelo inseto quando sae para roer a verdura nas imediações, dissimula apenas a habitação, serve-lhe de paravento e projeta sobre a entrada uma sombra discreta. A soleira, em declive suave, escrupulosamente raspada e varrida, prolonga-se até uma certa distancia. Quando tudo está tranquilo em derredor, é sobre esse belveder que o grilo estaciona e arranha a sua rabéca.

O interior do domicilio é sem luxo: paredes nuas, não, comtudo, grosseiras. Longas horas de lazer, permitem apagar-lhes as rugosidades mais desagradaveis. Ao fundo do corredor está o quarto de repouso, a alcova em fundo de saco, um pouco mais polida do que o resto e de diametro ligeiramente amplificado. Em suma, morada muito simples, muito limpa, isenta de humidade, de acordo com as exigencias de uma

higiene bem compreendida. Obra enorme aliás, verdadeiro tunel de ciclope, tendo-se em consideração os modestos meios de excavação.

A postura dá-se no fim de maio ou no principio de junho. Os ovos de um amarelo-palha, são cilindros arredondados nas duas extremidades e têm mais ou menos 3 milimetros de comprimento. São expelidos no solo a um par de centimetros de profundidade em numero de quinhentos ou seiscentos por uma só mãe, dispostos segundo a vertical e reunidos em sementeiras mais ou menos numerosas, correspondentes ás posturas sucessivas.

O ovo do grilo é uma pequena maravilha de mecanica. Depois da eclosão assemelha-se a um estojo de um branco opaco, com um póro redondo aberto no ápice, abertura muito regular, á borda da qual adere uma calota que servia de operculo. Em logar de romper-se ao acaso sob a pressão ou sob as tesouras do recemnascido, abre-se espontaneamente segundo uma linha de menor resistencia expressamente preparada. O grilo sai tal qual o boneco duma caixinha de surpresa.

Saido o animal, a casca fica enfunada, lisa, intacta, de um branco puro com a calota opercular apensa á abertura. O ovo da ave quebra-se grosseiramente aos choques de uma verruga, vinda de proposito na ponta do bico do recemnascido; o do grilo, de um mecanismo superior, abre-se assim como um estojo de marfim. A pressão da fronte é bastante para fazer funcionar a charneira.

O jovem grilo, inteiramente palido, quasi branco, esgrime-se contra a terra que o subjuga. Ele empurra com a mandibula; varre, rechassa para trás ás patadas o obstaculo pulverulento, de resistencia nula. Eil-o na superficie, gosando as alegrias do so e exposto aos perigos da disputa entre os vivos, ele tão debil, nada mais do que uma pulga, no tamanho. Em vinte e quatro horas, ele se colore e torna-se soberbo negrinho, cujo lebano rivaliza com o do adulto. De sua palidez inicial restahe um branco cinturão que cinge o peito e recorda o cinteiro

da primeira infancia. Muito alerta, sonda o espaço com suas longas antenas vibrantes; trota, salta por estirões, o que a obesidade lhe não permitirá fazer de futuro.

Em agosto, o jovem grilo já grandote e inteiramente negro como o adulto, sem vestigio algum da cinta branca dos primeiros dias, não tem ainda domicilio. O abrigo de uma folha morta, o tecto de uma pedra chata lhe bastam, pousadas de nomade indiferente ao ponto onde terá que repousar.

Até o meio do outono, a vagabundagem persiste. E' para o fim de outubro, ao aproximar-se o frio, que a construção do covil é empreendida.

O mineiro esgaravata com as patas anteriores; emprega as pinças mandibulares para extrair os grãos de areia volumosos. Vejo-o sapatear com suas fortes patas posteriores, guarnecidas de uma dupla ordem de espinhos; vejo-o ajuntar, varrer aos recuos os entulhos e dispô-los em um plano inclinado. Todo o metodo está ahi.

O trabalho marcha rapido no principio. Em uma sessão de um par de horas, o escavador desaparece sob a terra. A intervalos, ele volta ao orificio, sempre aos recuos e sempre varrendo. Si a fadiga o invade, pára á entrada da toca esboçada, a cabeça para fora, as antenas molemente vibrantes. Entra de novo e recomeça a tarefa das pinças e dos ancinhos.

O mais urgente está pronto. Com um par de polegadas, o abrigo é suficiente para as necessidades do momento. O resto será obra de longo folego proseguida com vagar, um pouco cada dia, tornado mais profundo e mais largo á medida que o exigem a rudeza da estação e o crescimento do habitante. No inverno mesmo, se o tempo é ameno, se o sol ri á entrada da habitação, não é raro surpreender-se o grilo conduzindo entulhos para fóra, sinal de reparação e de novas excavações. Em meio ás alegrias e festas da primavera prosegue ainda a conservação do imovel, constantemente restaurado, aperfeiçoado, até á morte do proprietario.

Findo abril, começa o canto, raro primeiro e por solos discretos, logo sinfonia geral. Cada moita de relva tem o seu concertista. Eu colocaria de bom grado o grilo á frente dos coristas da primavera. Nos nossos prados, por ocasião das festas do timo e da alfazema em flôr, ele tem por socia a cotovia, lirica girandola que se eleva, a garganta ingurgitada de notas, e lá de cima, invisivel nas nuvens, deixa cair sobre os campos a sua doce cantilena. De baixo, responde-lhe a melopéa dos grilos. E' monotono, desprovido de arte, mas como é conforme, pela sua simplicidade, á rustica alegria das cousas renovadas!.. E' o hosana do despertar, a santa aleluia compreendida pelo grão que germina e pela herva que brota. Nesse duo, a quem a palma? Eu a daria ao grilo. Ele domina pelo seu numero e sua nota continua. A cotovia calar-se-ia para que os campos glaucos das alfazemas, balançando ao sol seus incensorios canforados, recebessem dele só, a modesta, solene celebração.

AS NUPCIAS DO GRILO

Escutemos sua musica. E' no limiar da habitação, nas alegrias do sol, que canta o grillo, nunca no interior. Os elitros, erguidos em duplo plano inclinado e não se recobrindo, nesse momento, senão em parte, estridulam seu "cri-cri" com doçuras de tremolo. E' amplo, sonoro, bem cadenciado e de duração indefinida. Assim se encantam, toda a primavera, os lazeres da solitude. O anacoreta canta primeiro para ele. Entusiasmado de viver, celebra o sol que o visita, a relva que o nutre, o placido retiro que o abriga. Dizer das felicidades da vida é o primeiro movel do seu instrumento.

O solitario canta tambem para as vizinhas. Cena curiosa, com efeito, as nupcias do grilo. Os dois sexos são domiciliados a parte e ambos extremamente caseiros. A quem cabe deslocar-se? O que chama vai procurar a que é chamada? Ou, ao contrario, a segunda vai em busca do primeiro? Si o som é o unico guia entre moradas largamente distantes, é necessa-

rio que a muda vá ao "rendez-vous" do garrulo. Mas para salvar a conveniencia eu suponho que o grilo tem meios especiais que o guiam para a silenciosa senhora grilo.

Como e quando se dá o encontro? Suponho que as cousas se passam aos discretos vislumbres do crespuculo da tarde e no limiar do tugurio da bem amada, nessa esplanada arenosa, nessa ante-camara de honra que precede a entrada.

Tal viagem, á noite, a alguns vinte passos de distancia, é para o grillo grave empreendimento. Realizada sua peregrinação, como voltará a sua morada, ele tão caseiro, ignorando a topografia? Recolher-se aos seus penates deve ser-lhe impossivel. Temo que êle erre atôa, sem abrigo. Por falta de tempo e de coragem para construir um novo covil, seu refugio protetor, perece miseravelmente, saboroso bocado para o sapo em ronda noturna. Sua visita á amante expropriou-o, matou-o. Que lhe importa? Ele cumpriu o seu dever de grilo.

Entre pretendentes as rixas são frequentes, vivas, mas sem gravidade. Os dois rivais erguem-se um contra o outro, mordem-se no craneo, solida carapaça á prova de tenazes, rolam, levantam-se e se deixam.

O vencido foge o mais depressa possivel; o vencedor insulta com um canto de vitoria; depois, moderando o tom, passa e repassa em torno da desejada.

Pavoneia, faz-se humilde. Com o dedo leva a antenna sob as mandibulas, para frisá-la, untá-la de cosmetico salivar. Com as suas longas patas posteriores guarnecidas de esporas e agaloadas de vermelho, ele sapateia de impaciencia, lança patadas no vacuo. A emoção o torna mudo. Seus elitros, não obstante em rapida trepidação, não produzem mais som ou não fazem senão um ruido de roçagar desordenado.

Vã declaração. A amante corre a ocultar-se por trás de um ramo de timo. Entretanto, afasta um pouco a cortina, olha e deseja ser vista.

"Et fugit ad salices, et se cupit ante videri",—dizia deliciosamente a egloga, ha dois mil annos. Uniram-se afinal.

PLANO DE LIÇÕES, NO CURSO PRIMARIO

Aula dada pela aluna Maria Ilza Fróes, do 2° ano do Curso de Aplicação, da Escola Normal de Belo-Horizonte, turma B. sob a regencia da professora Filocelina C. Matos Almeida.

ANO DO CURSO—IV

MOTIVAÇÃO	OBJETIVOS	PROCESSO
Apresentação de uma gravura. Conversa com os alunos MATERIAL Gravura, cadernos, lapis, etc.	Desenvolvimento de linguagem oral, escrita e leitura silenciosa, despertando imaginação, observação, reflexão, associação de idéas e atenção	a) Predispor a classe por meio de ligeira conversa. b) Apresentação da gravura afim de que os alunos a observem, discutam seus personagens, sua atitude dominante, etc. c) Observada durante um certo tempo, propor aos alunos a invenção de historias, de acordo com a gravura, dando liberdade á classe na organização das mesmas. d) Controlar o trabalho de cada aluno, afim de manter sempre vivo o interesse, fazendo ao mesmo tempo as observações necessarias para se evitarem erros. e) Atender ás necessidades dos alunos para que reine a satisfação na classe.

RESULTADOS

Os alunos mostraram interesse quando a professora avisou á classe de que ia mostrar-lhe uma gravura. Ficaram muito curiosos, querendo investigar a causa da admiração dos perso-

nagens da gravura, de sorte que houve observação, julgamento, desenvolvimento de linguagem, etc.

Quando a professora pediu aos alunos que inventassem uma historia acerca da gravura, mostraram-se desanimados, mas mudaram logo de opinião quando a professora os estimulou, garantindo exito. Sómente dois não iniciaram logo os trabalhos, mas se desculparam: um por motivo de doença e o outro porque estava ocupado com um trabalho solicitado pela professora da classe. O primeiro, porém, reagiu em seguida e fez o trabalho sem mais intervenção da professora. Esta, dando oportunidade aos alunos de fazerem uma leitura silenciosa, pediu-lhes revissem seus trabalhos para que assim observassem melhor e corrigissem algum engano que, por acaso, houvessem cometido.

Os alunos ficaram muito satisfeitos e interessados quando a professora lhes esplicou que os melhores trabalhos poderiam ser publicados no jornal da classe.

Assim sendo, os objetivos do plano foram mais ou menos atingidos, sendo, porém, necessario voltar ao assunto, na proxima aula.

Belo-Horizonte, 13 de Junho de 1932.

MARIA ILZA FRÓES
MARIA DE LOURDES HURPIA
MARINA FLORES
MARIA DO CORAÇÃO DE MARIA
MARIA STELLA MARTINS
IONE V. MOSCI
MARIA HENRIQUETA LOPES
MARIA DE CARVALHO SEABRA

O QUE SE TEM FEITO NO GRUPO ESCOLAR "THOMAZ BRANDÃO"

RELATORIO

pela professòra-tecnica Odette Cathoud

No presente trabalho, venho expor de um modo geral, os resultados da minha atuação no Grupo Escolar «Thomaz Brandão».

Removida para esse estabelecimento de ensino em meiados de abril do ano passado, ao chegar no grupo o meu primeiro cuidado (parece de momento uma cousa de somenos importancia) foi captar a confiança geral, tão necessaria ao bom exito dos trabalhos a realizar.

Não ha negar que, bem espinhoso e delicado é o nosso cargo, tal a muita diplomacia e fino tato que requer. Mas, quando se tem a felicidade de se trabalhar num meio educado, onde as qualidades imprescindiveis á eficiencia de qualquer empreendimento, o interesse, a boa vontade, a dedicação, etc., não são desconhecidas, torna-se-nos facil e promissora a tarefa. Foi o que me sucedeu. Hoje, posso dizer com toda franqueza: Já possuo a confiança e mesma a amisade de uma bôa parte das professoras com quem trabalho, o que equivale a afirmar muito ter avançado para a feliz realização do grande objetivo a alcançar —a pratica da escola nova.

—

Estando o trabalho de organização das classes quasi terminado quando cheguei ao grupo o ano passado (trabalho esse feito pela professora técnica em comissão, Maria de Lourdes P. da Silva) cabia-me completá-lo pela observação das crianças, tendo

sido, muito valioso, nesse sentido, o concurso, da diretora com o conhecimento que já adiquiriu dos alunos através das substituições que costuma fazer.

Outra cousa, de grande necessidade, posta em pratica logo, foi a organização de fichas de matricula para cada criança, como se vê no modelo incluso. Infelizmente esses dados são ainda basiados nas informações muitas vezes duvidosas, fornecidas pelos pais. Já este ano obtidas.

G. Escolar .....
Nome .....
Classe .....
Data do Nascimento .....
Esteve no J. da Infancia? .....
Quais as escolas que frequentou? .....
.....
Quais os anos que repetiu? .....
.....
Onde nasceu? .....
Onde mora? .....
Nacionalidade do pai .....
» da mãe .....
Profissão do pai .....
» mãe .....
Numero de filhos .....
O pai sabe ler e escrever? .....
A mãe » » » .....
Que curso tem o pai: primario, secundario ou superior? ....
.....
Que curso tem a mãi: primario, secundario ou superior? ....
.....
Apreciação da inteligencia pela professora .....
.....
Observações .....
.....

As certidões de idade de todas as crianças, certamente estas fichas darão muito mais valor. Em seu verso, como se vê, trazem os resultados dos testes aplicados e, ao ser removido o aluno para outro estabelecimento, segui-lo-á a ficha junto á respectiva guia.

Sendo necessario transferir-se uma criança de um sala para outra por qualquer motivo, divergencia da observação com o resultado do teste que leva a criança a não acompanhar o ensino da classe, por exemplo, adotou-se ultimamente uma nova ficha onde a professora durante uma semana pelo menos, anotará as condições do aluno suas dificuldades, assuntos dados e não resolvidos, etc., constituindo isto uma documentação da propria afirmação da professora.

ORGANIZACÃO DE CLASSES

CLASSIFICAÇÃO DOS ANALFABETOS

Ocupei-me este ano, logo no inicio das aulas, da classificação dos analfabetos e das crianças repetentes de 1.º ano, para a organização de classes homogeneas. A dificuldade e lentidão em obter as certidões fez prolongar bastante essa classificação, com prejuizos para o trabalho das classes

Apezar de insistentes e reiterados pedidos aos pais, sómente umas 20 crianças trouxeram as certidões, resolvendo essa questão a diretora, mandando diretamente ao cartorio afim de obter os desejados documentos.

Classificação dos analfabetos—Foi aplicado o tésie individual «Prime» a 67 crianças, variando os resultados entre 4 e 26 pontos (sendo 30 o maximo de pontos deste tést).

Distribuidos os resultados como se vê no quadro acima, foram organizadas tres classes.

1.ª classe A (n), com 34 crianças, de 16-26 pontos, 91 % regulares quanto á idade. (7-8 anos).

2.ª *classe B C (n)*, com 27 crianças de 11-16 pontos, 96 % regulares quanto á idade.

3ª. *classe D*, com 6 crianças, de 4-9 pontos, que foi completada com elementos repetentes nas mesmas condições (V. classe de repetentes D).

Na primeira classe A n, a mais homogenea sob o ponto de vista da inteligencia, a percentagem dos regulares ficou um pouco prejudicada com elementos de 10, 11 e 13 anos, por não haver outra classe de crianças mais idosas, onde os pudesse cotocar. Ha dois alunos (assinalados com interrogação), cujos resultados obtidos permitiram colocá-los indiferentemente na 1.ª ou na 2.ª classe.

10 alunos obtiveram resultados medios (7 anos, 16 pontos) e os restantes, resultados superiores.

A 2.ª classe B C, embora quasi totalmente regular, por falta de numero suficiente de crianças para o seu desdobramento, ficou constituida de dois tipos distintos que a tornaram bastante heterogenea sob o ponto de vista intelectual.

Ha um aluno de 7 anos com 19 pontos, que deveria estar na classe D por defeito de linguagem—perturbação da articulação (dilatéa), mas, tratando-se de uma criança viva, que obteve no tést um resultado superior á media das crianças de sua idade e que vinha seguindo esta classe, embora com alguma dificuldade, nela continua em observação.

A applicação do test «Prime» aos novatos foi um trabalho rapido e suave. Divergencia propriamente dita entre os resultados do teste e a observação decorrente de sua aplicação, não houve, pois o unico caso registrado teve a influenciá-lo fortemente a excessiva timidez da criança, sua desadaptação e o muito *momo* com que está sendo educada em casa.

Repetentes do 1.º ano. — Aos repetentes de 1.º ano, em n.º de 204 (não incluindo os que já tinham feito teste em outros

grupos e os que estavam de sarampo e coqueluche, nessa ocasião), foi aplicado o teste coletivo E. A. (Escola de Aperf. 931).

Afim de evitar que se falseassem os resultados pela copia, procedeu-se o trabalho por pequenas turmas (20), ocupando cada criança uma carteira. De dois alunos, apanhados a retificar o seu test pelo do companheiro, foram inutilizadas as questões em duvida. Faço essa observação por achar que os resultados foram bem satisfatorios num grupo, onde numerosos são os fatores negativos.

A aplicação do test fez-se com relativa facilidade em todas as classes, exceto nas dos tipos C e D, muto natural, aliás, dado o triste contingente dessas classes. A dificuldade e lentidão em compreender o que se lhes pedia, a facilidade de dispersão da atenção, o desinteresse, a negligencia e a pouca vontade manifestados, tornaram verdadeiramente insano, o trabalho de test em taes classes. Tinha-se a impressão de se estar falando uma lingua desconhecida ou que o assunto tratado, se chegasse a ser compreendido, o era de um modo indistinto, confuso, tal a expressão de indiferença, de incompreensão, de desinteresse que se via estampado nas pequenas fisionomias. Não é propriamente ausencia completa de inteligencia que se observa nestas classes, mas uma grande dependencia que torna seus elementos quasi nulos ou incapazes de agir ou pensar por si mesmos e, ainda, uma evidente má vontade em pensar mais profundamente, sem duvida, por falta de exercicio do raciocinio. Faz-se mister o cultivo da vontade, da atenção, do interesse, o treino do julgamento, nas classes onde falece a viveza da inteligencia.

CRITERIO DA CLASSIFICAÇÃO DOS REPETENTES

INFLUENCIA DE DIFERENTES FATORES

Si se levar em conta a escassez do tempo de aula, tres horas, o desconforto trazido pela falta de acomodação (ha quatro classes que funcionam no alpendre em logar de passagem

constante), o meio social das crianças, o tipo de inteligencia, etc., etc., pode-se considerar do tipo A, relativamente ao grupo, tanto sob o ponto de vista pedagogico como mental, mais ou menos as crianças que fizerem um bom primeiro ano no espaço de um ano a um ano e meio de tempo; do tipo B, no espaço de um ano e meio a dois anos; do tipo C, de dois a tres anos e mais e D, de tres anos e mais em diante·

Por conseguinte, de acordo com o criterio exposto, temos a subdivisão:

Repetentes fortes A, em n.° de 85, constituiram tres classes intermediarias que darão alunos para o 2.° ano em junho proximo.

Repetentes medios ou normaes B formaram uma classe de 34 alunos, esperando-se, uma grande percentagem de promoções no final deste.

Repetentes fracos, de que se compõem as duas classes C, existentes. Talvez só em meiados do proximo ano, darão alguns elementos para o 2 ° ano.

Repetentes fraquissimos que, juntos aos analphabetos nas mesmas condições e aos anormais, constituiram as classes D.

COMENTARIO DAS CLASSES ORGANIZADAS

Ficou a *classe intermediaria 1* bastante beneficiada; tanto sob o ponto de vista da idade (crianças regulares) como do nivel mental e, ainda, do preparo por ser uma classe de responsabilidade.

Já com a *interm. 2* o numero insuficiente de crianças de 10 e 12 annos, não permittiu formar uma classe mais regular, sendo preciso reunir elementos de 9 anos, regulares para uma classe quasi de 2.° ano. A mistura de crianças de idades diferentes traz grandes prejuizos, pois, como se sabe, os interesses naturais infantis, em torno dos quais se deve irradiar todo o ensino, variam conforme a idade: dos 6 a 9 anos são perfeitamente distintos dos 9 a 12. Si se tratasse de alunos que, á custa de

Distribuição dos repetentes pelos resultados do test E. A.

N. — TIPO DA CLASSE		N. de cr.	Idades	N. de pontos
REP. FORTES A	1 — Intermediaria 1.....	31	7 — 9	25 — 52
	2 — Intermediaria 2.....	34	9 — 12	19 — 48
	3 — Intermediaria suplementar.....	21	8 — 11	20 — 35
REP. MEDIOS B	4 — Rep. médios ou normais.. . .	34	7 — 9	13 — 24
REP. FRACOS C	5 — Repetentes C.....	31	7 — 11	8 — 19
	6 — Rep. analfabetos C.....	37	7 — 11	8 — 18
REP. MTO FRACOS E ANORMAIS	7 — Repetentes D.....	24	7 — 9	0 — 8 (E. A.)
		6	6 — 7	4 — 9 (Prime)

repetições, alcançaram classes mais elevadas, essa questão, em parte se atenuaria, pois os interesses dos retardados maiores, pouco ou nada se deferenciariam dos das crianças de menos idade.

Mas, são elementos que já entraram para a escola depois das 10, 12 e 14 anos, trazendo alguns, grande dose de boa vontade para o trabalho, com o fito de recuperar o tempo perdido. Condenados a um ensino por demais moroso para a sua idade, ao lado de crianças mais novas, sem terem esperanças de alcançar os ultimos anos escolares, têm o seu futuro seriamente sacrificado.

Não é só os alunos que apresentam anomalias diversas que devem merecer a nossa especial atenção, principalmente num grupo, onde a porcentagem de crianças de 1º. ano é enorme, 62 %, mas tambem os que apresentam algum atrazo no preparo—*os retardados pedagogicos ligeiros*, sem deficit inteletual e os que, por motivos independentes de sua vontade, iniciam muito tarde o seu curso primario. Para os primeiros já temos as classes intermediarias, introduzidas este anno, para melhor aproveitamento de tempo e preparo, de grande vantagem num bairro essencialmente pobre, onde os paes só com sacrificio podem manter as crianças na escola depois de 12 anos.

Para os segundos, organizar-se-iam classes especiaes com mais horas de aula si possivel é um regimen de mas rigor. Entrariam em jogo a boa vontade das crianças, suas faculdades desenvolvidas, gráo de experiencias, além do estado fisico, em otimas condições que os fariam suportar com facilidade um regimen duplo ou mesmo o preparo de tres anos em um e meio de tempo.

Continuariam com a mesma professora ou seriam incorporados a classes mais adeantadas, depois de tão grande arrancada que representaria para eles um avanço enorme e um grande estimulo para proseguir na vida.

CRIANÇAS ANALFABETAS — 67 — TEST PRIME

Pontos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos
0								
2								
3								
4	1							
5	1	1						
6	1							
7								
8								
9	2							
10								
11	1	3						
12	2	2						
13		5		1				
14		2	1					
15	2	6	1					
16		10						
17	1	3	1					
18		3						
19		5						
20		1	1					
21	1	2						
22	1							
23		2						
24						1		
25			1		1			
26								1
	13	45	5	1	1	1	0	1

N. B. As linhas quebradas demarcam as crianças das mesmas classes.

QUADRO DOS REPETENTES DE 1.º ANO — 204 CRIANÇAS — TEST E. A.

Pontos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos
0		1		1				
1		1		1				
2								
3		1	2		1			
4			3	2				
5		1	1	1				
6		1	1					
7		1	2	1				
8		4	1	1				
9		2	2					
10		1	1					
11	2	4	2	2				
12		2	3		1			
13		4	3	3				
14		4	3	2		1		
15		1	1	1				
16			6	3				
17		1			1	1		
18		4			1	1		
19		2	7	1	1			
20		1	4	3	1	1		
21			1					
22			2	2	1			
23		3	2	3	1			
24		1	1	2			1	
25		2	6	3		2		
26		2	1	1	1			
27		1	1	4	2			
28		1			2			
29			2			1	1	
30		1	2	1	2		3	
31		1		1	1			
32			2	2	1	1		
33			1					
34			1	1				
35				1			2	
36		1		1	1	1		
37				1				
38		1						
39					1			
40								
41					1			
42								
43						1		
44		1						
45							1	
46				1				
47								
48								
49							1	
50								
51								
52			1					

A classe *interm. suplementar da 2.ª*, entregue a uma estagiaria, tambem ficou sacrificada no ponto de visto da idade, pois foi constituida de elementos das duas primeiras que pudessem vir no ultimo turno. A falta de acomodação para as crianças (a d. interm. 2 funciona no alpendre, comportando no maximo 28 alunos) foi que determinou o seu desdobramento em duas. Os alunos de 21 a 25 pontos, de 8 anos (V. quadro de repetentes do 1.º ano), por serem um pouco fracos, apto ao preparo, para a d. interm. 1, ficaram nesta, onde o menor numero de alunos permite um ensino mais individual. Outros elementos, como os de 32 e 35 pontos de 9 anos, os de 30 de 10 anos e 32 de 11 anos, ficaram bem numa classe menor por serem muito turbulentos. Além disso, são conhecidos da professora, que tem por eles verdadeira afeição: foram alunos dela desde que se matricularam no grupo. Neste caso, o apego da professora pelos alunos (uma das causas de prejuizo para a classificação: professoras ha que preferem transferir-se do estabelecimento, ou se licenciarem, a perder seus alunos), é digno de admiração, pois geralmente não são queridas dos mestres as crianças de educação deficiente.

A classe dos *repetentes normais B* ficou bem organizada sob os tres pontos de vista: idade, nivel mental e preparo.

A 5.ª classe, dos *repetentes fracos C*, apresenta grande dispersão nas idades, não permitindo uma melhor classificação o numero insuficiente de crianças.

Em identicas condições acha-se a classe dos *repetentes analfabetos C*.

Parece exquisito dizer que ha uma classe de *repetentes analfabetos* no grupo. Haverá alunos repetentes e que nada aproveitaram?! Infelizmente ha, em numero não pequeno e, o que é peior, não sómente de 5 e 6 mêses de aula, mas tambem de ano e mais sem aproveitamento algum. Falta de escolaridade? Sim, alguns; outros são bem frequentes. Quais serão os motivos então? A falta de um conhecimento mais profundo do aluno, para reforçar os resultados dos tests ou corrigir suas lacunas,

DIVERGENCIAS ENTRE OS RESULTADOS DO TEST *E. A.* E A OBSERVAÇÃO E PREPARO

N.º	Nomes	Idades 2-932	Pontos	Classificação pelo teste	Classificacão pela observação e preparo
1	Antonio Gonçalves Moreira	7.5	25	Classn A	Classe repetentes normais B
2	Sergio dos Santos Rezende	8.8	27	Classe A	Classe repetentes normais B
3	Francisco Amadeu	8.9	19	Classe repetentes normais B	Classe A
4	Nair dos Santos	10.1	28.5	Classe repetentes A	Classe repetentes normais B
5	Joaquim Luciano Sobrinho	8.4	25.5	Classe repetentes normais B	Classe A
6	Geraldo Esteves Sacramento	8.4	25.5	Classe repetentes normais B	Classe A
7	Helio Pereira Guimarães	8.4	25	Classe repetentes normais B	Classe A
8	José Lopes	8.10	14	Classe repetentes normais B	Classe repetente C
9	João dos Reis	8.	14.5	Classe repetentes normais B	Classe repetente C
10	Joaquim dos Reis	8.2	16	Classe repetentes normais B	Classe repetente C
11	José Mendes	8.10	19.5	Classe repetentes normais B	Classe repetente C
12	José Rodrigues Gomes	8.5	20	Classe repetentes normais B	Classe repetente C
13	Milton Francisco Borgia	8.4	26	Classe repetentes normais B	Classe repetente C
14	Valdevino Lopes	9 7	25	Classe repetentes normais B	Classe repetente C

afim de bem classificar os alunos; as classes muito numerosas, sem levar em conta os fatores diversos: meio social e familiar das crianças, suas condições fisicas, a escassez de tempo, o tipo de inteligencia, etc. além das qualidades indispensaveis ao bom mestre; a perspectiva de se medir a eficiencia do trabalho de um professor, *somente* pelo *numero de promoções* (muitas vezes, em detrimento do valor dessas promoções), que o leva a ter sempre em vista a *quantidade* de crianças a promover, descuidando-se de uma outra parte (os analfabetos, em questão), estarão, sem duvida, dentre as principais causas da existencia de tais classes.

O trabalho de homogenização que se tem processado nas classes, este ano, felizmente, muito virá atenuar esta questão.

Quanto ás promoções, melhor seria medir-se a eficiencia do ensino, não somente pelo numero de promoções havidas, mas tambem pelo numero de analfabetos deixados ou por um relato minucioso das condições em que tenham ficado os não promovidos.

Classe dos repetentes D, em numero de 30, ficou constituida de elementos que obtiveram resultados infimos nos testes E. A. e Prime, de acordo tambem com a observação e crianças apresentando quaisquer anormalidades. Será subdividida logo que houver professora em condições disponiveis, pois tais classes, além de funcionarem em logar pouco confortavel (alpendre), não podem ter mais de 20 a 25 alunos, dado o seu contingente.

Em uma classe, ficarão as crianças muito retardadas e, na outra, as prejudicadas sob os pontos de vista intelectual, *sensorial*, da motricidade e do carater.

E' excusado dizer que nestes casos de divergencia têm prevalecido a observação e o preparo do aluno, principalmente nas classes que deverão dar alunos promovidos em junho proximo. Os alunos 1, 2 e 4, com bons numeros de pontos, não acompanhariam a classe A, por falta de preparo, dando-se justamente o contrario com o n.º 3, que tem preparo, acompanha bem a classe, embora tenha sido infeliz no test.

Os de numeros 5, 6 e 7, vivos, inteligentes e com preparo, seriam grandemente sacrificados, si se levasse somente em conta o resultado do test. Do mesmo modo, os demais alunos (numeros 8 - 14) q., colocados pelo test na classe dos repetentes normaes B, trar-lhe-iam serio prejuizo, tanto pelo inteligencia que é de nivel inferior (eram da classe D o ano passado), como pelo lado social e moral que deixa muito a desejar.

O PROBLEMA DA OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS

DIFICULDADES ENCONTRADAS

Tenho feito ver, principalmente, nas classes fracas C e D, onde não ha promoções, a grande necessidade da observação e registo das reações e mudanças que se vão operando na conduta dos alunos, não sómente para por em evidencia as condições das crianças, seu progresso, etc., como ainda para controlar a atuação da professora sobre a classe e por a salvo a sua responsabilidade.

Concordo que se deve guiar o professor na arte dificil de observar como bem lembrou Mme. Antipoff no seu trabalho sobre a homogenização das classes, mas, forçoso é confessar, não havendo da parte do professor evidente bôa vontade, um desejo constante de estudar os meios de melhorar a sorte de seus alunos, a par de qualidades naturais, como a abnegação e amor ás crianças, paciencia, persistencia, estimulo proprio, etc., bem dificilmente se conseguirá qualquer cousa neste sentido. Muito póde a bôa vontade, é o que se conclue do trabalho da professora Analia Pinto: «Inventario de uma classe e estudo dos elementos que a compõem». Nele, a professora, um mês após ter recebido uma classe, relata as condições em que esta lhe foi entregue, o estado das crianças, etc., continuando, por largo tempo, a registar os factos ocorridos, os progressos de cada uma etc.

Afinal, o que se deseja na questão da observação não são propriamente os fatos, cujas subtilidades só são percebidas pelos

psicologos ou professores de grande perspicacia, mas, ao menos, os que resaltam á vista, patenteando qualquer vantagem para o aluno, como por exemplo: Aluno F..., não destituido de inteligencia, apresentando *grande anomalia no ponto de vista da motricidade*: vinga a braços para o grupo. Hoje, após um ano ou mais de aula, *já anda*, embora com dificuldade, *escreve regularmente*, tendo sido *transferido da classe D, para uma C*.

Ou: Alunos F... e R..., irmãos, de 8 e 9 anos, regular inteligencia, grosseiros no ponto de vista da educação: crianças criadas ao léo. Mal alimentados, mal vestidos, dormiam quasi todo o tempo da aula. Um ano e meio depois, melhoradas as suas condições fisicas com uma alimentação regular, asseio do corpo e vestuario, avançaram rapidamente. São *os primeiros alunos da classe em aritmetica*, deixando ainda a desejar a sua educação: são voluntariosos, desobedientes e muito indelicados. *atualmente estão em uma classe intermediaria*.

UM SERIO PROBLEMA A RESOLVER

Além do problema urgente da acomodação das crianças em breve satisfeito, graças á evidente bôa vontade do exmo. sr. Secretario da Educação, ha o de professores não digo, especialisados, mas, melhor habilitados, para as classes C e D. Si se tem de ter em vista as necessidades destas crianças, faz-se mister um programa especial, onde, além das materias a serem ministradas, se introduzam numerosos exercicios de ortopedia mental, destinados a remediar em parte, sua deficiencia psiquica.

São crianças que levarão tres e mais anos no primeiro ano, condenadas, muitas, a jamais galgar uma classe mais elevada. Além disso, si a influencia da escola se faz sentir melhorando-lhes a conduta, já o fato de repetir muitas vezes um mesmo ano, fa-las retroceder, tornando-as irritaveis, insatisfeitas, desinteressadas, descontentes E' o que sucede constantemente. Cumpre evitar isto a todo transe, seja ministrando-lhes

um ensino mais de acordo com as suas necessidades, seja aproveitando suas tendencias naturais para desenvolver-lhes uma aptidão qualquer.

Muito concorrerão, neste caso, os professores e, já que a oportunidade se oferece com o provavel preenchimento das vagas existentes no grupo, venho lembrar que poderiam ser utilizadas as estagiarias de certa competencia profissional, de reconhecida bôa vontade, pacientes, etc , que, por não serem formadas, marcarão passo a vida inteira. Dedicar-se-iam a estas classes e, de acordo com as aptidões reveladas e em tempo a criterio da Secretaria, seriam efetivadas. Ou ainda as estagiarias normalistas do jardim de infancia, com alguns anos de pratica, como sugeriu o exmo. sr. Carlos Campos, inspetor geral da Instrução, ao lhes falar sobre esse assunto.

A questão da escolha de turno pelos pais tem trazido serios embaraços á classificação, muito concorrendo para a desorganização das classes. Tem sido um problema dificil de resolver. Tratando-se de um bairro essencialmente pobre, justo é que se atendam os pedidos razoaveis, desde que haja *classes nas mesmas condições dos turnos solicitados.* Fóra disso, isto é, com prejuizos para a criança ou para a classe, por mais justos que sejam as razões, não deveriam ser aceitas; póde-se colocar uma criança tipo A em uma classe de retardados ?! (v. quadro dos motivos de transferencias de classes) Ou: passar um aluno do 2.ª para o 1.º ano, só porque não póde vir de manhã ?! Certamente, não. Mesmo excetuando-se os casos de premente necessidade, faz-se mister mais energia para acabar de vez com tal irregularidade de que altera enormemente a organização interna do estabelecimento, os pais a determinar o turno em que deverão vir os filhos!

CLASSE DE SOCORRO

Uma iniciativa que certamente traria bons resultados, principalmente no 1.º ano, é a instituição de classe de socorro, onde

QUADRO DOS MOTIVOS DE TRANSFERENCIAS DE CLASSES

N.º de alunos	Classe em que deviam estar	Classe para onde foram transferidos	Causas destas transferencias
1	Classe D	Classe C	Não póde vir só por ser pequena
2	Classe D	Classe C	Tem que levar almoço para o pai.
3	Classe D	Classe C	Por causa de companhia.
4	Classe D	Classe B C. n.	Por causa de companhia.
5	Classe C	Classe D	Porque a mãe trabalha durante o dia.
6	!! Classe An	Classe D	Tem que apanhar lenha durante o dia.
7	Classe rep. analf.	Classe C	Toma conta de criança.
8	Classe D	Classe C	Não póde vir em outro turno.
9	Classe D	Classe C	Tem que levar almoço para o pai.
10	Classe C	Classe rep. normais B	E' muito pequna e tola para vir só
11	Classe rep. analf	Classe C	Mora longe, não póde vir só.
12	Classe rdp. analf.	Classe rep narmais B	Mora longe, não póde vir só.
13	Classe rep. interm 3	Classe rep. interm. 2	Questão de companhia.
14	Classe rep. interm. 3	Classe rep. interm. 2	Não póde vir no 3.º turno.
15	Classe rep. interm. 1	Classe rep. interm. 3	Só póde vir com o irmão.
16	Classe rep. normais B	Classe rep interm. 3	Só póde vir com o irmão.
17	Classe rep. normais B	Classe rep. interm. 3	Trabalha de manhã.
18	!! Classe rep. interm. 2	Classe D	E' empregada. Só póde vir no 1.º turno.
19	!! Classe 2.º ano A	Classe interm. 2, de 1.º a	Leva almoço e jantar para o pai.

alunos de diferentes classes, grupados de acordo com a materia em que estiverem fracos, receberem um ensino mais individual. Mesmo nas classes muito homogeneas, como é natural, formam-se logo os grupos de crianças fortes, medias e fracas, no preparo geral, além das que apresentam retardo em uma só materia. Ora, as classes acima faladas, onde o minimo é representado por grupos menores atenderia melhor o individuo, viriam corrigir esse desequilibrio e mesmo impulsionar os grupos fracos.

Muitas professoras acham dificil o ensino flexivel que atenda aos grupos fortes e fracos ao mesmo tempo, principalmente quando estes ultimos são em minoria. Têm razão em parte, si se levar em conta a esiguidade do tempo.

Na verdade, que se pôde fazer em tres horas de aula, deduzindo o tempo gasto na entrada e saida da classe, no recreio, na adaptação aos exercicios escolares? Sómente se ocupar com a maioria da classe, dizem. E têm razão.

Os alunos que exigem tempo e cuidados apartes, são quasi sempre postos de lado: são crianças sacrificadas, que constituem um peso morto para a classe, uma fonte de indiciplina, indo mais tarde sobrecarregar o contingente dos retardados.

A esses é que se destinam as classes chamada de socorro.

CLASSIFICAÇÃO DO 2.° ANO

Não ofereceu grande vantagem a aplicação do test no 2.° ano: espalharam-se por demais os resultados (V. quadro do 2.° ano) e não teve numero de classe suficiente para satisfazer a todos com presteza. Sem duvida, muito contribuiu para isto, a organização pelo preparo escolar, feita o ano passado, sem se levar em conta a idade, o nivel de inteligencia, a escolaridade, etc.

E' interessante notar como engana á primeira vista, tal classificação. Dentro de pouco tempo, semanas apenas, começam a surgir as desigualdades no propria preparo, graças á forte influencia dos fatores, inteligencia, idade, etc. Continuamente, precisa-se fazer modificações nessas classes, para haver bom resultado.

2 CLASSES DE 2.° ANO — (64 CRIANÇAS) — TESTE E. A.

Pontos	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	anos	12 anos
18				1		
19						
20			1			
21						
22						
23						
24				1		
25						
26			2			
27						
28			1	1		
29						
30	1		2			
31						
32						
33		1			1	
34						1
35	1		1	1	1	1
36						1
37		1	1			
38		1	1			
39			1	1	2	
40	1		1	4	3	
41		1	1			2
42					1	
43		1		2		2
44			2	1		
45			2		1	
46						
47					1	
48						
49			1		2	
50					1	
51					1	
52						
53						
54						1
	3	5	17	12	14	9

Quanto ao desdobramento pelo resultado do tést, si se levar em conta a idade, ha a dispersão dos resultados, e se si considerarem estes, haverá a dispersão daqueles. Que fazer, então?

Além disso, ha sensivel diferença entre o preparo de uma e o da outra: a mais forte, era constituida na sua maioria, de elementos desclassificados do 2.° ano; organizando pelo tést, torna-as, desiguais no preparo, sendo necessario um ensino flexivel (para varios adiantamentos) o que tem sido dificil conseguir dos professores.

NOTA DA PROFESSORA ANALIA PINTO DA SILVA, DO GRUPO ESCOLAR "THOMAZ BRANDÃO"

A convite da diretora, D. Maria Carolina Campos, assumi a direção da classe do 3.° ano como substituta no dia 1.° de julho de 1931.

No primeiro dia de aula nada pude observar de real. Era uma novidade a minha presença e cada um aluno procurava me conhecer melhor. Com o decorrer dos dias, no entanto, notei ter assumido a direção de uma classe *pesada*. Compunha-se éla de 28 alunos frequentes, muito desiguais em desenvolvimento físico, moral e intelectual: Ha mocinhos de 16 anos e meninas de 9.

Era impossivel dar uma aula. Si interessante a aula ou não, êles não podiam saber, pois brigavam, mudavam de lugar e gritavam desde que entravam em aula até á hora em que saiam. Havia dias em que eu não ouvia o sinal de mudança de aula ou para terminar, tal era a balburdia.

Pensei: Será a "Escola Nova"? Lia as diversas notas pedagogicas publicadas diariamente no "Minas-Gerais" e mais me conveniencia de que a classe estava gosando de uma liberdade que lhe haviam dado os orientadores da "Escola Nova" Cada vez eu me achava mais desanimada. Professora de Escola Normal durante 6 anos e de curso de adaptação tres, em Diamantina, nunca tinha visto alunos assim. Era adorada, respeitada e querida em toda a Escola. No ultimo ano que le-

cionei, (1930) tive 4 turmas de 35 alunos cada uma e só não pude promover 4 alunos devido faltar a frequencia. Raciocinando, meditando, embrenhando-me mesmo em profundo pensamento, não compreendia o que se estava passando. Vivia triste.

— Não dou conta da classe!. . Eu, que sempre vivi com o espirito despreocupado; pois nunca saiu do meu espirito: "Nasci para ensinar". Tenho verdadeiro prazer em me sentir rodeada de *guris* que me amem e que tudo esperem de mim. Agora!... Diante de uma classe que não me vê, que não me ouve, que não me estima!

Lia com mais atenção as "notas pedagogicas" de "Minas" e ficava acabrunhada. Um dia, que felicidade!... veiu-me á idéa:

— Quando o Dr. Mario Casasanta escreve isto, pensa em uma classe educada, êle não calcula nunca que possa haver classe como esta; pois bem, hei de educar a minha classe.

No dia seguinte eu me dirigi para o grupo com outro aspéto. Ao entrar na sala pensei: é de educação que vocês precisam.

A luta e a confusão começaram logo. Não pensei em aula; assentei-me perto do mais *levado* que eu tinha notado até então.

— Porque não faz o seu exercicio?

— Porque não quero.

— Ou porque não sabe? Vejamos, pegue no lapis, faça para eu ver.

Depois de uma luta enorme, consegui que êle fizesse o que eu queria.

Compreendi que aquele não estava em condições de acompanhar alguns de seus colegas. Comecei a cuidar desse: João L. P.

Soube depois que este menino era o terror do 3.º ano.

Dirigi-me a outra que tinha o nome de pirracenta:

Al. Fer.; descobri tambem que a pirraça era ignorancia, nulidade mesmo. Não podia frequentar o 3.º ano. Assim fui de carteira em carteira e capacitei-me do adiantamento de cada um. Isto com a caderneta de classificação pelos tests na mão. O *desacordo* foi completo.

Procurei conhecer os meus alunos fóra da aula e assim, de acôrdo com o quadro constante deste caderno, vou completando ou satisfazendo a esta parte do regulamento.

Nas reuniões de 5.ª feira, a orientadora, D. Odette Pinheiro, perguntava-me:

— Qual a dificuldade que a senhora encontra em sua classe?

— Falta de atenção, unicamente.

— Para sanar este inconveniente, a senhora deve tornar as suas aulas interessantes, assim prenderá a atenção da criança.

— Não posso saber se as minhas aulas são interessantes ou não, porque a falta de governo na classe é tal que ainda não dei uma aula que valesse $500.

Riram-se muito; porém, no dia seguinte a diretora foi para minha sala e se postou ao meu lado, dando-me toda a força e obrigando-os a respeitarem a presença da professora.

Assistiu todas as minhas aulas e começou então a me auxiliar na disciplina dos alunos.

— D. Analia, a disciplina dessa classe ha de concertar, ficarei com a senhora, farei pela classe tudo que a senhora vir que seja necessario.

Estou salva, pensei. A diretora ficará conhecendo a classe tambem e eu vou trabalhar com o mesmo amor que tenho até aqui.

Um dia, já depois de muita luta minha e de D. Carolina, a orientadora foi aplicar uns testes de aritimetica em minha classe: Terminando, éla disse:

— D. Analia, a disciplina da sua classe é terrivel! A professora deve lançar mão de todos os meios possiveis para tornar a sua classe bem disciplinada.

— Mais uma conhecedora da classe que me veiu cair ás mãos. E' mais uma para me auxiliar na grande empreitada que tomei.

Por meio de auditorios, arguições, exercicios, eu e D. Nênê ficamos conhecendo o ponto fraco de todo aluno. Separamos os mais fracos em aritimetica e leitura e entregamos a uma outra professora para ministrar separadamente o ensino dessas materias, entregando-me, novamente, terminadas as mesmas aulas.

Vai agora dedicada a cada aluno uma pagina que levará as respectivas observações, que serão meus documentos no fim do ano letivo.

Hoje, depois de 3 mêses de aula, tenho 39 alunos com uma frequencia de 38.

Não devo omitir tambem que durante o meu estudo da classe e meios tomados para obter uma bôa classe, perdi uma aluna que considerava muito bôa.

FICHA DE ALGUNS ALUNOS

João L. Per. — Classe A

Encontrei-o lendo muito mal, palavra por palavra, sem respeitar, ou mesmo conhecer nenhuma pontuação; era o que se podia chamar uma pessima leitura.

Não sabia fazer conta nem calculo mental. Era um menino retardado, sem proposito. Não ficava em sua carteira nem 5 minutos. Mexia com todos os alunos, batia, era um terror. Estudei todo o meio de levá-lo; consegui pelo carinho. Adoro hoje o João Luis; quisera fazer dêle meu filho. E' docil, faz, primeiro que todos, os seus exercicios e com esmerado asseio. Vem sempre a tempo e traz todos os apetrechos de um bom aluno. Hoje, ao entregar-me o exercicio de

aritmetica e de lingua patria, dei como exemplo á classe. Fez parte do ultimo auditorio, desempenhando magnificamente o papel que lhe coube.

OBSERVAÇÕES DE SETEMBRO

Continua muito bom este aluno. Traz lições de leitura preparada, já fez questão de ler e cumprir com os deveres escolares. Faz com desembaraço qualquer conta.

Adoeceu de uma vista, em aula; falhou no dia seguinte; fui visita-lo quinta-feira. Sexta e sabado já compareceu muito melhor. Domingo veiu retribuir a minha visita. Contou-me a historia de seus irmãos e de seus vizinhos, abrangendo topicos da revolução. Veiu em companhia de um colega e duas coleguinhas. Aqui estiveram, alegres, muito tempo.

Tal foi o desenvolvimento desse menino que o levo para o quarto sem nenhum receio.

JOSE'

Aluno retardado, sem nenhum adiantamento em nenhuma das disciplinas. Voluntarioso, malcriado, enfim um pessimo elemento para a classe.

Não podia me dirigir a êle, pois falava nomes injuriosos. Suspendi, com ciencia da diretora, de aula e mandamos leval-o á casa. Melhorou um pouquinho. Quanto á higiene desse aluno é bom calar. Levei-o muitas vezes para o servente cortar-lhe as unhas. Não escrevia cousa alguma. Dizia mesmo: «Não escrevo».

Com grande surpresa minha, um dia em que eu mandei que escrevessem o que quisessem, entregou-me um exercicio em que escrevia á madrinha, pedindo um dicionario emprestado uma palavra interessante.

Daí para cá tem feito exercicios e mostra grande interesse pela aritmetica.

Hoje lembrou-se do tempo antigo, não quis traser um caderno que pedi e não quis fazer exercicio de escrita.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

Não é muito animador o progresso desse aluno; poderá ser promovido para o 4.º ano especial de alunos mediocres.

JOSE'

Este aluno tem bom comportamento e grande desejo de aprender. E', porém, muito atrasado em leitura e aritmetica. Lê mal e não interpreta o que lê. Os exercicios escritos são pessimos; no entanto, devo dizer que não se revolta com as franquezas que sou obrigada a ter com ele, e tem melhorado.

Em aritmetica o seu adiantamento já se faz notar.

Fica sempre ao meu lado, querendo explicações e tem aproveitado o meu esforço.

Fez grande progresso esse aluno, no entanto, dado o seu atraso, só poderá ser promovido para o 4.º ano B.

MARIA

Bom procedimento, bem aplicada, porém de pouco adiantamento. Mostra grande interesse por todos exercicios, não deixa de fazer um só, mas nao obtem bôa nota.

Mostrou pouco adiantamento, tomou parte nos dois ultimos auditorios com bons resultados. Acredito que esta seja uma aluna que precisa de atenção particular do professor ou aula individual. Está sob minha guarda; assim possa ou me seja permitido pela classe, tomarei conta.

Melhorou um pouco. Cada vez se acentua mais a sua aplicação e bôa vontade.

Em um auditorio do 4.º ano a diretora veiu pedir, já na vespera, um numero aqui no 1.º ano. Ela se pôs de pronta, dizendo saber: «Eu quero ser boneca tambem». De fato fez o recitativo muito bem.

De acordo com as observações acima, a aluna continúa conquistando a sua promoção.

JOÃO

Aluno já quasi rapazinho. Parece um retardado.

Não é um retardado como pensei â primeira vista. Tem boa vontade. Seus exercicios mostram que êle tem grande dificuldade em expressar o que sabe, como prova com este seu exercicio.

Tem feito progresso em aritmetica; a sua prova foi optima.

Fez já em setembro uma boa prova de lingua patria, historiou uma aula que dei sobre animais: carnivoros, herbivoros, roedores, queiropteros, etc. Ai vai o rascunho da mesma. Fez tambem um dialogo com o pai dele sobre uma aula minha, de geografia, que vem provar falta de meio para se expressar e não falta de inteligencia.

Tem trazido historia diversas para serem dadas em aula.

Reproduzo uma delas:

«Certo dia eu fui em um pasto pastorar uma cabrita minha. Fui eu, a cabrita e um menino por nome Jairo. Ao chegar no meio do caminho eu me alembrei que a minha professora tinha dado um ponto sobre herbivoro que minha cabra é uma.

Chegamos no discampado muito bonito, quando apareceu um rato muito magro que é um roedor e estava muito espantado.

Dai eu assentei na sombra de uma arvore, quando me veio no nariz um mau cheiro. Era um burro que havia morrido, ai o meu companheiro disse: Agora o corvo vem fazer um serviço aqui. E eu disse: como se chama o animal que come carne? E ele disse: chama-se carnivoros e o burro o que é? Ele disse, um animal mamifero. Eu disse porque é mamifero—Porque mamam quando são pequenos. J. M.»

Escrever algumas cousas sobre 3 de outubro para fazer parte no nosso jornal do mesmo mês.

No dia 3 de Outubro
Rebentou a revolução
O povo pegaram em armas
Pr'a defesa da Nação

O povo da capital
Fugiram para a Lagoinha
Mas vendo a cousa feia
Fugiram para a Cachoeirinha

Faz hoje um ano
Ano da minha compachão
Dos soldados que morrero
Na quela afrição

J. M.

CONCURSOS PARA PROFESSORES PRIMARIOS DA CAPITAL E PARA DIRETORIA DE GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO

Conforme consta de editais publicados durante o mês de junho do "Minas-Gerais", foram abertos concursos para lugares de professores das escolas primarias da capital; para diretorias de grupos escolares distritais, a cujo provimento poderão concorrer professores efetivos e em exercicio no ensino primario, com tres anos, no minimo, de magisterio; para diretorias de grupos escolares urbanos, que deverão ser providos, na falta de candidatos diplomados pela Escola de Aperfeiçoamento: a) um terço, por diretores de grupos escolares distritais, com dois anos, pelo menos, de exercicio do cargo; b) dous terços, por professores efetivos de grupos escolares urbanos e em exercicio no magisterio primario, com quatro anos, no minimo, de magisterio.

Em igualdade de condições, e na falta de candidatos diplomados pela Escola de Aperfeiçoamento, terão preferencia as professoras diplomadas que tiverem feito o curso de Aplicação e as auxiliares de diretoras.

Esse concurso será de notas existentes na Secretaria e documentos que comprovem a idoneidade moral e profissional do candidato, ficando a juizo do governo escolher o grupo para os classificados.

Merece acolhimento e aplausos de todos que se interessam pela causa do ensino em nossa terra essa iniciativa do governo atual.

O pensamento que o induziu a adotar tão acertada e oportuna medida foi garantir aos professores que mais se dis-

tinguirem pela inteligencia, pela cultura e pela dedicação no exercicio de suas funções, o acesso aos postos que forem vagando no magisterio da capital. Esse ato do governo colima, principalmente, instituir entre nós o professorado de carreira. Aos candidatos, mediante a apresentação e a conferencia dos seus titulos—uma vez estes julgados idoneos—ficará assegurado o direito de serem aproveitados no cargo de diretores dos grupos escolares.

Dessa forma, eliminar-se-á o grave inconveniente, ha longo tempo observado, de serem esses postos de tanta relevancia e responsabilidade ocupados por funcionarios estranhos ao quadro do magisterio oficial e destituidos de alguns dos predicados exigidos para o desempenho satisfatorio da alta e delicada missão que lhes incumbe desempenhar.

Outra medida de grande alcance e proveito para a causa do ensino foi o ato do governo determinando a convocação dos diretores de grupos escolares do interior do Estado para virem a esta capital fazer o curso de férias.

Acudindo ao convite, terão esses funcionarios o ensejo de aprender mais claramente e penetrar mais profundamente os modernos problemas da instrução e familiarizar-se com os processos educativos vigentes, mediante um contacto mais direto e um convivio mais ativo e prolongado com os elementos mais esclarecidos e experientes do nosso meio pedagogico, habilitando-se, desta maneira, a mais facilmente executarem os programas formulados de acordo com a orientação da atual reforma do ensino, que visa precipuamente implantar entre nós as diretrizes luminosas e fecundas da escola ativa, ainda não perfeitamente compreendida e por isso mesmo impugnada com veemencia por alguns espiritos, ilustrados, é certo, mas intransigentemente aferrados aos principios e aos moldes da educação tradicionalista e francamente infensos ás idéas novas que informam e norteiam a educação hodierna.

ARCHIVO DA ASSISTENCIA A PSICOPATAS

Recebemos o segundo numero do Archivo da Assistencia a Piscopatas, de Pernambuco.

Trata-se de uma publicação semestral que versa assuntos concernentes a Psicologia, Psiquiatria e Higiene mental e que obedece á orientação do conhecido professor Ulysses Pernambucano.

O seu primeiro numero, correspondente ao mês de outubro de 1931, trazia varios trabalhos originais, bem interessantes, tal como o resultado da pesquiza acerca do vocabulario das crianças das escolas primarias de Recife, pesquiza feita pelo metodo de Daniel Prescostt, elaborada sob os auspicios do Instituto J. J. Rousseau com as crianças de Genebra.

O mesmo numero traz varios artigos com os resultados dos tests de inteligencia geral aplicados nos alunos e estudantes de Pernambuco (test Ballard, Alpha, Terman, test de vocabulario e de inteligencia do dr. Simon) como tambem sobre uma serie original de tests pedagogicos.

Outra parte se refere aos trabalhos sobretudo de psiquiatria.

O numero II, com data de abril de 1932, contém uma monografia acerca da assistencia a psicopatas em Pernambuco— obra importante e utilissima, com larga aplicação da agrotérapia, permitindo aos doentes trabalhar no campo e na horta e não cair no embrutecimento de tantos outros que ficam nos asilos, entre quatro paredes.

Como o numero anterior, este traz varios artigos com os dados das pesquisas psicologicas (test de Desenho, de Florence

Goodenough; exame psicologico e perfil de Rossolimo; revisão da Escala Binet-Simon; padronagem do test Columbian, etc.

Esta publicação serve de testemunha dos numerosos trabalhos que se realizam no mesmo Estado do Norte do Brasil, no campo da psicologia aplicada, e faz perceber que, daqui a alguns anos, a infancia e a juventude brasileira terão documentos importantes para o conhecimento e a compreensão, pois varios Estados, Minas inclusivé, procuram estudá-las seriamente.

"INSTITUTO J. J. ROUSSEAU"

A 15 de julho p. findo, o Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, festejou seus vinte anos de existencia.

Quer dizer que uma das instituições mais pujantes que elaboravam e disseminavam as idéas da Escola Ativa e da educação funcional acaba de entrar no seu primeiro ano de maioridade.

A instrução publica do nosso Estado, que largamente aproveitou os ensinamentos de Claparède, Ferrière, Bovet, Piaget, Godin, Descoeudres, Artus—todos fundadores ou collaboradores do Instituto J. J. Rousseau, por intermedio da "Revista do Ensino", se coloca ao lado de todos aquelles que desejam ao Instituto de Genebra uma existencia cada vez mais vigorosa e prospera.

Imprensa Oficial de Minas-Geraes